

ACADEMIA MARANHENSE



ORNA  
394.4  
A. 1682

A ESTÁTUA  
DE  
JOÃO LISBOA



1918  
S. LUIZ DO MARANHÃO  
TIP. TEIXEIRA

*A Academia Maranhense, entendendo que lhe cumpria o dever de salvar do olvido as manifestações tributadas à vida e à obra de João Lisboa, quando se inaugurou a sua estátua, nesta capital, a 1 de janeiro deste ano de 1918, resolveu reunir em folheto as provas de admiração que se prodigalizaram ao grande escritor brasileiro, naquela data inesquecível.*

## A INAUGURAÇÃO

Revestiu-se do maior brilho e solenidade a inauguração da estátua de João Francisco Lisboa, a 1 de janeiro de 1918, e confiada á Academia Maranhense, pelo exmo. sr. coronel Antonio Bricio de Araujo, governador do estado.

A's 16 horas daquele dia, apinhava-se no vastissimo recinto do antigo largo do Carmo, hoje praça João Lisbôa, uma incomputavel multidão.

Na parte da praça para que se acha vòltada a estátua, erguiam-se dois vistosos palanques, destinados—o da esquerda, ás autoridades e delegações, e o da direita ás familias. Viam-se naquele, entre outros, os srs. D. Francisco de Paula e Silva, bispo diocesano; desembargador Valente de Figueiredo, presidente do Superior Tribunal de Justiça; coronel Carneiro de Freitas, presidente interino do congresso do estado; dr. Araujo Costa, presidente da camara municipal; monsenhor Vicente Galvão, vigario geral do bispado; dr. Agripino Azevedo, deputado federal; drs. Tavares de Holanda e Raimundo Vinhaes, juizes de direito da capital; dr. José Barreto, deputado estadual; M. Fran Paxeco, consul de Portugal; Cecil A. Scarth, vice-consul da Inglaterra; Paulo Tosi, agente consular da Italia; dr. Eduardo Saulnier de Pierrelevée, agente consular da França; Antonio Rodrigues Martins, consul da Espanha; coronel José Pedro Ribeiro, consul da Noruega; Emilio José

Lisbôa, consul da Suécia; Alberto Marques Pinheiro, consul do Paraguai; capitão de mar e guerra Alberto Moutinho, capitão do porto; capitão-tenente José Maria Magalhães de Almeida; coronel Artur Almeida, administrador dos correios; coronel Euclides Marinho Aranha, inspector da alfandega; tenente-coronel Manoel Joaquim de Albuquerque, comandante do corpo militar do estado, com o capitão Eudoro Jansen, os tenentes Heliodoro Souza e Justino Lopes da Cunha; Domingos de Castro Perdigão, diretor da Biblioteca Pública; coronel Virgilio Domingues da Silva, pela Sociedade Maranhense de Agricultura; os tenentes J. Luzo Torres, Antonio Damazio e Alde-  
mar Pinto, pelo 48 batalhão de caçadores; capitão Nilo Ludgero Pizon, presidente do Centro Operario; directoria da Associação de Imprensa, directoria da Associação Commercial, directoria do Centro Caixaerial, meza Administrativa da Santa Caza de Misericordia; comissões do Tiro Maranhense, delegações do Instituto de Assistencia á Infancia, da União Estudantal Silvio Romero, da Sociedade Literária Barão do Rio Branco e do Gremio Coelho Neto, representantes do *Diario Oficial*, da *Pacotilha*, do *Jornal*, do *Estado*, da *Revista Maranhense*, do *Ateniense* e do *Postal*. No palanque destinado ás familias, achavam-se numerosas senhoras e senhoritas, entre as quais a Exma. Sra. D. Maria Lisbôa Airlie, filha adóttiva de João Lisbôa, acompanhada pelas suas netas, e a exma. srá. d. Lucilia Wilson Coelho de Souza, presidente das Damas da Assistencia á Infancia. Pela praça, garridamente ornamentada com escudos, festões e bandeiras, espalhavam-se tambem inúmeras senhoras e senhoritas.

A's 16, 30, dava entrada na praça o exmo. sr. coronel Antonio Bricio de Araujo, em *landau* do estado, acompanhado pelo seu ajudante de ordens, o tenente Adalberto Bessa Cunha, e pelos srs. dr. Clodomir Cardoso, intendente municipal,

e professor J. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Maranhense. Seguiam-no, em automoveis, os membros da Academia Maranhense, srs. Domingos Barboza, 1º secretário; dr. Alfredo de Assis, 2º secretário; dr. Godofredo Vianna, Fran Paxeco, dr. Justo Jansen, dr. Barbosa de Godois, dr. I. Xavier de Carvalho e dr. Almeida Nunes.

Ao chegar o governador, as bandas do 48.º de caçadores e do corpo militar do estado tocaram o hino do Maranhão.

Todos os srs. academicos traziam na lapela o distintivo da Academia, constituído por um disco de oiro, tendo ao centro uma pena de pato, em platina.

Os srs. governador, intendente, membros da Academia e dr. Haroldo de Figueiredo, construtor do pedestal do monumento, colocaram-se, de pé, junto á estátua, onde se conservaram até ao fim das solenidades.

Pouco depois, subiu á tribuna, localizada entre os dois pavilhões, o sr. professor J. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Maranhense, que leu o discurso da entrega do trabalho de Jean Magrou, feita pela Academia, em nome do governo do estado, ao município da capital. O orador, que o público recebeu com palmas, foi muito aplaudido, ao terminar.

Então, o sr. Domingos Barboza, 1º secretário da Academia, passou ás mãos dos srs. coronel Antonio Bricio de Araujo e dr. Clodomir Cardoso as fitas, ligadas, respectivamente, ás bandeiras nacional e estadual, que cobriam o monumento.

Os chefes do estado e da comuna desvelaram a estátua. Nisto, irrompeu da multidão uma longa e vibrante salva de palmas, tocando as bandas militares o hino nacional. A seguir, uzou da palavra, recebendo o monumento, o sr. dr. Clodomir Cardoso, que proferiu um estenso discurso, saudado por entusiásticas aclamações.

Falaram depois os academicos srs. Fran Pa-

xêco, consul portuguez, que prestou á homenagem as adesões da Academia das Sciencias de Portugal, á qual pertence; o dr. Alfredo de Assis, que traçou um esboço da obra do João Lisbôa, e Domingos Barboza, que deu conta ao povo da missão de que foi incumbida a Academia, recebendo tambem, ao subirem e ao descerem da tribuna, calorosas ovações do enorme auditorio.

Após os discursos, um grupo de trinta meninas, dirigidas pela exma. sra. d. Hermindia Soares, professora da Escola Modêlo Benedito Leite, cantou o *Hino a João Lisboa*, letra do academico dr. Alfredo de Assis e musica do professor Adelman Corrêa.

E' esta a letra dêsse hino:

Seja sempre o teu nome, que tanto  
Nos orgulha, nos enche de glória,  
Como as notas supremas de um canto  
Dos que sóem levar á vitória.

Sempre nele vejâmos de um templo  
Consagrado ao trabalho e ao saber,  
Valoroso, bem vívido exemplo  
Que nos faça querer e poder.

Pela pureza do brilho  
Do teu vulto de eleição,  
Salve! salve! egregio filho  
Da terra do Maranhão.

A existencia passaste-a lutando  
Pelas causas mais nobres e belas,  
Nem de leve jamais te importando  
Tempestades e rudes procelas.

Desenganos, tristezas da vida  
Recalcá-los soubeste no peito,

Sem parar um momento na lida  
Em que foste valente e perfeito.

Pela pureza do brilho  
Do teu vulto de eleição,  
Salve, salve! egregio filho  
Da terra do Maranhão.

Pena de oiro fazendo de clava  
De templario sem par no valor  
Foi-te a pena, que mais se ilustrava  
Quanto mais se entregava ao labor.

E as grandezas que dela extraiste  
Nos ficaram da Patria no altar,  
Como o oiro que ao tempo resiste,  
Sempre novo e sonóro a brilhar.

Pela pureza do brilho  
Do teu vulto de eleição,  
Salve! salve! egregio filho  
Da terra do Maranhão.

Tens porisso da Patria o gigante  
Coração desbordando de amor,  
A louvar, ufanoso e constante,  
Do que foste o sereno esplendor,

A dizer o teu nome ao presente,  
A levar o teu nome ao porvir,  
Como um facho de luz refulgente  
Nos caminhos da vida a seguir!

Pela pureza do brilho  
Do teu vulto de eleição,  
Salve! salve! egregio filho  
Da terra do Maranhão!

Entoadado o hino, o sr. professor J. Ribeiro do

Amaral entregou aos srs. coronel Antonio Bricio de Araujo e dr. Luiz Domingues, este representado pelo academico dr. Almeida Nunes, as medalhas de oiro, mandadas gravar pela Academia Maranhense, e por ela destinada a este, que, quando governador, decretou e mandou fundir a estátua, e áquele, que efectivou a homenagem, autorizando a inauguração do monumento.

Seguiu-se um concêrto, pela banda do corpo militar do estado.

Até ás 21 horas, conservou-se replêta de familias e populares a praça João Lisboa.



# OS DISCURSOS

O SR. JOSÉ RIBEIRO DO AMARAL :

Ha sete anos quasi, a estas mesmas horas, com honras verdadeiramente excepcionais, honras tão só devidas aos que se podem considerar como os príncipes do saber humano; sim, ha sete anos quasi, e pelo cair de uma tarde como esta, davam triunfalmente entrada nesta praça, sob as delirantes, mas respeitosas aclamações de um povo inteiro, os preciosos despojos do que, em vida, fôra João Francisco Lisboa—o patricio egregio, e que aqui vinham repoizar de vez, aguardando a erêção do monumento que lhe destinava a gratidão do estado.

Resgatando a sua grande dívida, completa hoje o Maranhão aquela primeira homenagem. Eternizado no bronze, depois de o haver sido nas suas obras, pompeia, afinal, João Lisboa na praça pública !

Dizer-vos, srs., ainda que muito rapidamente, quem foi o grande Morto de ontem, — redivivo de hoje; qual o valor da sua impecavel obra e o papel que desempenhou na politica da então provincia, não o comporta, bem o vêdes, a estreiteza do tempo, consagrado a esta augusta comemoração; e, demais, já o fizemos nós, em discurso, que, desta mesma tribuna, tivemos a honra de pronunciar, quando foi da solene trasladação

dos seus gloriosos restos, da nossa necrópole para este lugar, a 26 de abril de 1911.

O que vos queremos aqui dizer, hoje, é a razão, o motivo, ponderoso sem duvida, que actuou no nosso espirito—no espirito da Academia Maranhense, para que, de entre tantas datas igualmente notaveis da vida do nosso insigne historiadore, fosse esta a preferida para a inauguração da sua estátua.

Foi a 1 de janeiro de 1838, ha, portanto, 80 anos precisos, que, bem perto daqui, daquelle predio onde acabámos de assistir á inauguração de uma placa comemorativa, saiu o 1.º número da «Chronica Maranhense», jornal que lhe formou e grangeou a reputação que, desde então, começou justamente a gozar na província e que, mais tarde, lhe havia de immortalizar o nome para todo o sempre.

Excepcionais eram as condições que atravessava então a província. Teixeira Mendes, o presertimoso e benquistochefe liberal de Caxias, cuja memoria ainda hoje perdura naquelas terras, Teixeira Mendes acabava de cair sob o ferro homicida, sendo a notícia de infausto acontecimento recebida pelo governo com uma indiferença culposa, e deixando de se proceder contra criminosos, aliás tão publicamente sabidos e denunciados!

Presidia então á província o capitão de mar e guerra Francisco Bibiano de Castro. Dotado das melhores virtudes privadas, de um coração bondoso mesmo, como o afirma o proprio Lisboa, que lhe servira de secretário, faleciam-lhe, entretanto, as mais comensinhas qualidades de administrador, e administrador em tempos não muito serenos. Fraco, irresoluto, parcial, deixando-se avassalar facilmente por aqueles que o cercavam, entre os quais preponderava ainda o comendador Antonio José Meireles, cujo prestígio vinha dos tempos coloniais, era de ver a facilidade com que

desfasia actos não muito antes praticados. Dizem que resolvêra fazer marchar uma fôrça para Caxias; acrescentam, mesmo, que chegára a ter mantimentos e munições prontos e embarcação fretada para esse fim, mas que, por último, mudára de tenção e assentára que não fosse uma só praça, desatendendo assim os clamores da opinião publica e os conselhos do seu secretário.

Não se pôde conter João Lisboa, que não era homem de acomodações, coisa tão comum nos tempos que hoje correm. E, assim, entre o lugar de secretário da presidencia, que, além da posição official, inerente ao cargo, lhe proporcionava os meios suficientes para subsistir com uma numerozissima familia, e o de jornalista da opposição, que os brios lhe aconselhavam occupasse de novo, não vacilou, não hesitou um momento sequer. Decidiu-se por este, decidiu-se, sim, e atirou-se com todo o vigor do seu talento em defeza dos oprimidos, dos que tinham fome e sêde de justiça, mas depois de abandonar voluntariamente o cargo que occupava,—apesar de instado pelo proprio presidente para nele permanecer, que a sua hombridade, brios e honradez lhe não consentiam continuar a prestar os seus serviços a um governo, muitos de cujos actos êle teria de censurar!

Quão longe não estamos hoje, confessemos-lo, meus srs., daquelas épocas de severidade moral! Sublime rasgo de generosidade e dedicação, esse,—comenta um dos seus biografos—, que, abandonando a tranquillidade e gozo que desfrutava, os troca pelo mourejar afanoso que já amargára, nas lutas de 1832 a 1836, quando, sucessivamente, redigira o «Brasileiro», o «Farol Maranhense», e o «Eco do Norte», e destróe, num lance, sem futuro, só para desafrontar a justiça e os direitos dos concidadãos despresados e ultrajados!

Foi em tão memoravel occasião que, a 1 de janeiro de 1838, appareceu a «Chronica Maranhense».

Pelos motivos que deram origem ao seu aparecimento, motivos, srs., como acabais de ver, nobilísimos,—a defeza do seu partido, o partido liberal, perseguido, e, o que ainda mais é—a notícia dum barbaro e cruel assassinio, friamente perpetrado em Caxias, na pessoa do mais conspícuo dos seus membros, o malogrado tenente-coronel Raimundo Teixeira Mendes, sem que tivesse então aquele partido uma voz, um órgão qualquer na imprensa, que levasse á presença dos poderes publicos os clamores dos oprimidos; pelo esforço e dedicação que pôz o seu redactor na defêza desse mesmo partido, que, mais tarde, tão ingrato lhe foi; pela influéncia decisiva que exerceu sobre o povo, bem como sobre as administrações que, de 1838 a 1841, se succederam aqui na província; e, finalmente, pelo talento e eloquencia com que foi escrita, de sorte que, até hoje nenhuma outra folha a igualou sequer, pode-se considerar a—«Cronica Maranhense»—como a obra primacial de João Lisboa.

Deliciem-se estes com a leitura daquelas bellissimas e inimitaveis páginas que são o «Jornal de Timon», ou decidam-se antes aqueles pelo lúcido critico da «Vida do padre Antonio Vieira».

Para nós, temos que, de toda a sua grande e imorredoirá obra, nada ha que sobreleve á «Cronica», que, se devidamente apreciada não é, exclusivamente o deve ao facto de ser quasi que totalmente desconhecida das últimas gerações, pois rarísimos serão talvez os exemplares que dela existam.

Que brilhantes e renhidas que não foram as lutas que ella teve de sustentar, sósinha, contra uma multidão de grandes e pequenos jornais, naqueles dias terriveis, abrasada como já se achava então a provincia pela guerra civil!?

Como se não bastassem já aos dominadores da situação o «Sete de Setembro» e o «Investigador Constitucional», substituído depois pela «Re-

vista», redigidos—aquele, por José Joaquim de Figueiredo e Vasconcelos, este por Sotero dos Reis, para moverem-lhe acêsa e crua, mas decente guerra, outros se lhe vieram juntar ainda, acomettendo-o de todos os lados e em todos os terrenos, outros, mais ousados talvez, tais como a «Cronica dos Cronistas», de Leonel Joaquim da Serra, o «Amigo do Paiz», o «Legalista», de Francisco de Sales Nunes Cascais, e outros, ainda, de mais efêmera, ignobil e inglória existencia.

Foi nestes dias angustiosos, lutando ao lado dos seus amigos, em dêfesa das liberdades públicas, ameaçadas por Vicente Camargo, que mais se cobriu de glória a já tão aureolada pena do grande jornalista maranhense.

Firme e inabalavel na estacada—diz-nos um dos seus biografos, aparava todos os botes, ferindo e derrotando: dêles, á força de argumentação e pelo raciocinio; dêles, pelo ridiculo e com remoques tão de talho que os punha logo fóra de combate; porque aquele raro talento de escritor se moldava a todos os generos: com a mesma desteridade e valentia com que manejava a pena na discussão sizuda, na censura franca, desconcertava o adversario com chanças e epigramas agudos, atirados com tanto chiste e espirito que o espunha á irrisão pública.

Era Lisbôa, com efeito, uma poderosa organização jornalística. Nas suas mãos, tornou-se a pena um instrumento dócil, poderoso, irresistivel. Nunea, porém, alimentou questões por simples antipatias, nem procurou influir nas massas populares com desproveito da ordem e tranquillidade públicas. E' opinião minha — dizia Sotero, encerrado o periodo das agitações politicas, é opinião minha que, até hoje, ainda se não escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente como a «Cronica».

E Sotero, sabem-no todos, foi o mais formidavel de quantos adversarios enfrentou Lisboa,

nas lutas que se feriram na imprensa da terra, de 1832 a 1841. Depois dum juizo de tanto pêzo, por tão insuspeito, que mais se poderá acrescentar aqui?

Na verdade, com que eloquencia, por exemplo, não estigmatiza êle a escandalosa parcialidade e criminosa indiferença do govêrno, diante do atentado praticado em Caxias, atentado que ficára impune, tomando o presidente, como pre-têsto, o receio que tinha de atear a guerra civil e de medir fôrças com um potentado daquela cidade, que dispunha de grande numero de homens em armas e gosava de grande prestigio naquelas paragens.

«Receais a guerra civil, exclamava então Lisboa. Não existe ela já, porventura, quando se assassina, e quando os matadores, á frente de uma tropa numerosa, em attitude ameaçadora, estão ainda brandindo os punhais ensanguentados? Não poderá ela acaso rebentar tambem do criminoso abandono em que se deixa uma população inteira? *Querer-se-á que cada um, entregue ás suas proprias fôrças, deixado o caminho da lei, encete o das vinditas particulares, tão funestas e desastrosas?* Ou acazo ignora s. exc. (referia-se a Bibiano de Castro) que o fim de muitos é destruir um partido por meio das mortes, das emigrações e das apostazias, filhas do terror, e nesta fatal ignorancia se constitue barbaro instrumento de facções? E, se desta ou daquela maneira a guerra civil tem de abraçar-nos, não é mais gloriozo cumprir o dever, haja o que houver, do que ficar com as mãos atadas a um vil receio, feito zombaria de sagazes intrigantes, que adulam e desprezam, a um tempo, as almas fracas e puzilanimes, a quem comprometem?

As fôrças do Severino! Que estranha razão! Dora em diante, qualquer régulo sertanejo, que pudér convocar uma mó de salteadores, poderá impunemente praticar os maiores atentados; os seus crimes, os seus satelites o protegerão contra toda a justiça!

E que diremos do seu prestígio? Entre as tribus antropófagas, que antigamente povoavam o continente americano, eram tidos em maior conta e veneração aqueles guerreiros que, nos seus colares, tinham maior cópia de dentes dos inimigos devorados: só de um prestígio igual a este é que pôde gozar o antrópófago da nossa meia civilização!

Amamos sinceramente, no sr. presidente da província, um respeitavel pai de familia; um coração bondadozo e naturalmente inclinado á justiça; mas não podemos deixar de *sentir os males que a provincia está soffrendo, e poderá soffrer em gráu mais intenso, por cauza da sua fraqueza, irresolução e inconsequencia*.

Não nos permite o acanhado do tempo, reservado a este solene comemoração, dizer-vos, mesmo nos seus traços gerais, o que foi a «Cronica Maranhense» naquelas admiraveis 1.174 paginas, decorrentes de 1 de janeiro de 1838 a 24 de março de 1841, em que cessou a sua publicação.

Não podemos, entretanto, resistir ao desejo de consignar aqui, como dignas de especialissima menção, pelo brilho e vigoroso da argumentação, os artigos sobre a «Rezistencia Legal»; a analize da «Lei dos prefeitos», de que rezultou passar essa lei, na assembléa provincial de então, totalmente mutilada; o exame desapassionado, embora energico e severo, da administração Camargo; a discussão com o «Investigador» e a «Revista» sobre a revolta dos «Balaios», e, finalmente, para não ir mais longe, o tocante e bellissimo artigo com que se despede da politica.

De pouco que aqui fica dito, bem vêdes, srs., que, preferindo esta a qualquer outra data, melhor inspirada não poderia ter andado a Academia Maranhense para a inauguração do monumento do— «nosso grande e querido João Lisboa»,—como acaba de qualificá-lo o eminente Pedro Lessa.

Se lhe foi a «Cronica» a origem dos mais se-

rios e profundos desgostos, deu-lhe, tambem, essa popularidade e renome, cujo brilho o perpassar dos anos não conseguiu empalidecer até hoje. Foi na imprensa que ela se fez, desfrutando, nela, dias de verdadeira gloria, dias como jamais ninguem os teve ainda nesta terra.

Agora, sr. intendente municipal, é a vós que peço permissão para me dirigir neste momento.

Em meados de novembro do ano que acaba de findar, foi a Academia Maranhense agradavelmente surpreendida por uma honroza carta do exmo. sr. coronel Antonio Bricio de Araujo, carta em que lhe dizia s. exc.—que tinha o maior empenho em que fosse um dos primeiros atos da sua breve administração a entrega da estátua de João Lisboa á mesma Academia; acrescentando que o seu governo não mediria sacrificios, se dêles mistér houvesse, para a instalação da referida estátua no lugar que lhe compete, na mais frequentada das nossas praças, por isso que êle, o grande publicista, cuja figura a arte perpetuou no bronze, constitue um exemplo sublimado e sedutor, ostentado ás gerações presentes e porvindoiras. Concluia s. exc. afirmando que, para a consecução dêsse ideal, comum aos maranhenses, podia a Academia contar, desde logo, não só com todo o auxilio pecuniario que se tornasse preciso, mas tambem com o seu maior apoio, publico e particular, e com os aplauzos do governo do estado.

Desvanecida por tão elevada quão espontanea prova de distinção, oriunda de um gesto todo da iniciativa do honrado sr. cel. Bricio de Araujo, tudo fez a Academia para, da melhor forma que lhe foi possivel, corresponder a esses nobilissimos intuitos, folgando em reconhecer que encontrou sempre da parte de s. exc. o mais franco e decidido apoio, pelo que lhe dá a Academia, neste momento, por meu intermedio, o mais publico e solene de todos os testemunhos. Assim procedendo, fez o muito

digno sr. governador do estado jus á benemerencia de todos os seus patricios. E não ficou só aqui o nobilissimo gesto de s. exc. Querendo solenizar ainda mais tão fulgurante data, criou s. exc., por decreto de ontem, o Instituto João Lisboa destinado a dar instrução aos nossos patricios residentes em Caxias e em toda aquela zona sertaneja. Em memoria do nome João Lisboa, em nome da instrução publica, calorozos aplauzos sejam dados ao benemerito sr. governador do estado.

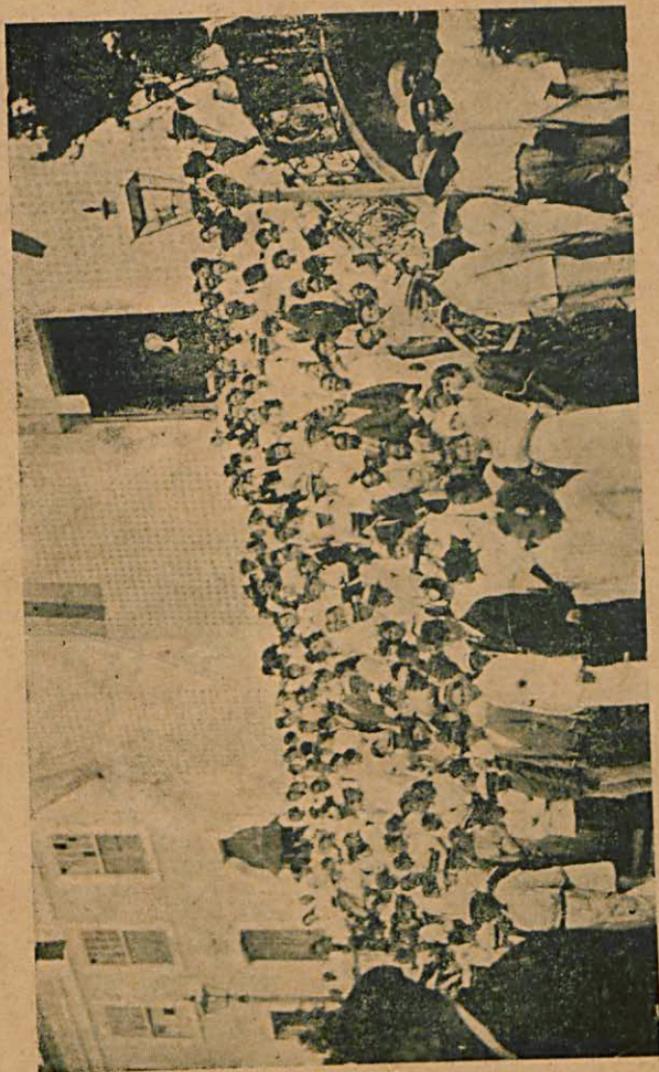
Injustiça fôra não relembrar aqui o nome do sr. dr. Haroldo de Figueiredo, o engenheiro illustre, que desinteressadamente construiu o pedestal do monumento. A' sua incontestada competencia, e á sua dedicação e infatigabilidade sem par, não medindo esforços de toda a sorte, devemos todos o poder assistir hoje á sua inauguração.

E agora, que já vemos realizada a suprema de todas as nossas aspirações de povo culto, eu, como prezidente da Academia Maranhense, em nome do sr. governador do estado, tenho a subida honra de vos fazer, a vós, sr. dr. Clodomir Cardozo, como governador da cidade, a entrega deste monumento.

Espirito culto, afeito ás pugnas brilhantes e gloriozas da imprensa, desde os dias da vossa primeira mocidade, tenho fé, sr. dr. intendente, sabeis guardá-lo com todo o carinho, com toda a veneração e acatamento, e como um depozito nacional, como um estimulo perene, que é, a instigar as gerações vindouras, para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzem á gloria e á immortalidade.

Sr. dr. Clodomir Cardoso:—Terminada está a missão da Academia Maranhense; começa neste momento a vossa.





A ESTÁTUA DE JOÃO LISBOA -- O AUDITÓRIO

O SR. DR. CLDOMIR CARDOSO :

Meus senhores

E' com um duplo desvanecimento que venho agradecer, em nome da cidade, a honra que o estado lhe acaba de conferir, por intermédio do seu digno governador, neste ato representado, para o efeito da tradição do monumento áqueles que o tem de guardar e transmitir ás gerações vindouras, pelo illustre prezidente da Academia Maranhense.

Como todo o homem do seu porte, producto de tantos e tão variados meios, cujas fronteiras dezapareciam da altura onde pairava, João Lisbôa, o grande maranhense, cuja estátua agora se inaugura na praça do seu nome, não pertencia propriamente a esta ou áquela terra, muito menos a esta ou áquela parte da sua terra natal.

Nasceu, como sabeis, num recanto ignorado do mundo, á margem do Itapecurú-mirim. Foi nesta cidade, entretanto, onde a vida lhe defluiu quasi inteira, que veio a receber, soprado muito embora de outras terras, através de grandes distancias, o influxo das idéas, pelas quais, sob a impressão dos acontecimentos do seu paiz e sobretu-

do da sua provincia, se teria de tornar mais tarde o jornalista, polemista e doutrinador, o filozofio, o historiador, o sociologo, o moralista, o advogado, o orador, o patrióta, o homem eminente e notavel por tantos titulos, que, havendo enchido de mais a sua época, acabou passando para a nossa, num trasbordamento irrepresavel de energias.

E se ainda nesta cidade, se aqui, neste pedaço da terra maranhense, é que o seu privilegiado espirito erguia o vôo para as vertigens daquelas ascensôis contínuas, do alto das quais o mundo se lhe descortinava na grandeza da sua unidade e na unidade da sua beleza, era natural, sem dúvida, que aqui se lhe reerguesse o vulto, na homenagem da primeira estátua, como natural pareceu que, no recanto de uma rua, na caza de onde saía a «Cronica Maranhense», collocassemos a pedra comemorativa dessa inestimavel reliquia da nossa imprensa, a folha doutrinária, na redacção da qual se fez a reputação definitiva do grande publicista, e cuja vida deslizou igualmente por todas as nossas ruas.

\* \* \*

Foi necessario, srs., que mais de meio seculo decorresse, depois da morte de tão eminente conterraneo, para que a justiça da historia confiasse á da arte, que é, nas suas manifestações estéticas, a justiça humana propriamente dita, a incumbencia de modelar, numa substancia superior ás contingencias da materia organica, o espaço dentro do qual se delinearam e agitaram, durante outros tantos cincoenta anos, a formozura e a potencialidade daquele espirito, que, rompendo-lhe os limites, e alargando cada vez mais o circulo da sua actividade e da sua influéncia, pôde vir até nós e reunir-nos hoje, neste preito de admiração colectiva.

E' que as estátuas, para serem alguma coisa mais do que meros blocos de bronze, ou simples

obras de arte, apenas animadas, na sua imobilidade, pelo espirito sonhador do artista, precisam tambem de uma alma, cujos contornos se não podem definir, nem se delineiam, no curso da mesma preseteza com que Magrou, o eximio autor da estátua que inauguramos, recebe e executa as suas encomendas.

Nas dificuldades dessa escultura excentrica, o artista começa a embaraçar-se desde que intenta depurar e combinar, numa ordem e proporção exactas, capazes de resistir com desassombro ás injúrias do tempo e á ironia do espaço, a variedade infinita dos metais de cuja fuzão deve sair a liga preciosa, constituida e garantida na sua estabilidade.

No reino donde se extrái a riqueza dessa materia prima, não existem metais em estado nativo, e os que mais presumidos se mostram da infalibilidade da sua alquimia ainda não conseguiram, sequer, um procésso definitivo e seguro, para a desembaraçar da propria esterilidade da sua ganga. Brilho, sonoridade, pêso, nada pôde ainda, na multiplicidade das vias de tratamento a que são submetidos os atos e as palavras humanas, precipitar-lhes as impurezas, que, entretanto, o simples batio de um segundo é muitas vezes bastante para manifestar á superficie, em manchas indetergíveis.

Não ha aí, srs., uma tarefa para os rudimentos da sensibilidade de um homem, nem a pôde geralmente avocar a propria estezia de uma sociedade, no curso de uma geração. Na generalidade dos cazos, só a pôde receber condignamente a delicadeza subtil de um artista imponderavel, como a alma das estátuas, e em cuja propria alma se acumule a experiencia daquele segundo paciente e infatigavel, que, na insistencia e continuidade do seu bater, acaba por nos abrir á curiozidade estupefacta os mais profundos misterios da alma da natureza e dos homens.

Só as mãos da história, na impessoalização

esbatida e suave da sua sensibilidade hiperplastica, feita de sensações que passaram, e das quais não vem a ser, no requintado apuro dessa nova forma, senão a alma revivescente, podem sagrar o contúbio do artista com a natureza, na expressão resumida e vívida d'esses frutos, com o sôpro criador e eterno.

Na diversidade das suas explicaçõe, sas estátuas não encontram o ladear de um paralelo, que mais longe as acompanhe, do que esse que lhes oferece a profuza variedade dessas pequenas máquinas, de cuja reunião se constituem quasi todos os órgãos das grandes, e com uma só das quais afirmava Arquimedes que seria capaz de levantar o mundo, se lhe dessem um ponto de apoio.

Que veem a ser mesmo, na sua generalidade, essas máquinas, senão representações do corpo humano, em subdivizões esparsas e variadas, com as quais o homem, impotente pela só acção dos seus órgãos, para contrabalançar as grandes rezistencias materiais, lhes procura suprir as deficiencias ?

Não copiam literalmente, é verdade, a forma que representam, e raramente conservam as proprias representações das primeiras cópias. A forma dos nossos braços, tão reconhecivel ainda nos braços duma balança ordinaria, vai-se desvanecendo e perdendo, á medida que a alavanca se modifica, na vulgaridade dêsse genero. Mas isso não significa, srs., senão precisamente que o que mais importa numa estátua, o que, no trabalho da sua construção, deve verdadeiramente importar, não é a forma material do corpo, mas as fôrças que dêsse corpo se devem exercer. A potencialidade de um invento mecanico só chega á sua culminancia, depois que o tempo, deslocando o eixo da necessidade que o faz surgir, generalizando essa necessidade, se dezempenha do encargo de aproximar e combinar, na variedade das suas formas, as tentativas dos individuos, criando-lhes a possibilidade da forma definitiva, ou capaz de satisfazer as necessidades

gerais e garantir-lhes o preço nos centros industriais ou científicos.

As estátuas não teem outro fim senão levantar o mundo. Não no seu pêso, na sua condição material, tarefa cuja impossibilidade já o grande geometra nos proclamou, mas na imponderabilidade dos espiritos, na intangibilidade das idéas, na impreensibilidade das sociedades humanas, missão em que a tortura de Arquimedes, diante do irremediavel da falta reconhecida, apenas desaparece, para nos resurgir agravada, na ilusão da existencia de um ponto de apoio, que mal se nos descortina já nos foge, ao mesmo tempo que se nos esquivava e desvanece o proprio mundo a cujo solevamento nos propomos.

Ante a impotencia das fôrças humanas, ainda as mais poderosas, para se opôrem, da fragilidade da materia organizada, e no curto espaço da subsistencia dessa fragilidade, ás grandes resistencias dêsse mundo, que vem a ser a sociedade considerada na sua continuidade historica, o homem, que já havia experimentado a eficiencia dos seus órgãos, quando modelados na rijeza e tenacidade da materia bruta, devia fatalmente, na ánsia incontrastavel pelo aperfeiçoamento da espécie, mergulhar no seio sempre generoso da terra, e de lá trazer, para suporte das fôrças da sociedade, representadas nos grandes agentes espirituaes da nossa evolução, subsidios da mesma materia, rígida e tenaz.

Aí estava o bronze, na decomposição dos seus variados elementos: no cobre, que não funde senão a uma temperatura elevadissima, e que póde representar, na liga donde faz parte, o presente utilitario e irredutivel; no chumbo, que pela condensação do seu pêso, pela sua côr envelhecida, pela sua antiguidade, simbolizará o passado; no zinco, que, antes de qualquer trato, não tem brilho, mas é susceptivel de ter um esplendido brilho metalico, se o polirmos devida-

mente, e no qual, por esta circumstancia, como pela sua extrema volatilidade e pela tenacidade que empresta á liga, poderemos vêr a representação do futuro incerto e fugidío; no estanho, que, pelo seu brilho, pela sua raridade relativa, pelo seu grau de fusibilidade, com que, do mesmo modo que o chumbo, acelera a fusão de todos os outros metais, por todas as qualidades que fizeram dêle um metal nobre no passado, e cuja tendencia é reintegrá-lo nos direitos dessa nobreza, representa, com a dignidade possível, na confusão da liga, a expressão das idéas, cuja energia se procura multiplicar nessa alavanca de nova especie.

E para a extração de tais elementos, na sintese do bronze, aí estava a inesgotabilidade dessa jazida, que vem a ser a imaginação do homem, e onde o homem, na propria ausencia da impressão dos traços que se devem relevar no monumento, encontra recursos que os supram.

Mas a alma da estátua, essa, não a póde pedir senão á alma dos homens, e as almas dos homens não perdem a sua pluralidade, isto é, os homens não se unificam pela alma, nem esta adquire a fôrça capaz de solevantar aquelas, senão quando se torna a alma daquele corpo invisível, mas colossal, que a tradição vincula nos seus órgãos e unifica na sua ação.

Não a podemos esperar, a essa alma, senão da propria necessidade do monumento, considerada, não propriamente na falta que faça o homem cuja fôrça se pretenda extensificar, mas na sensação generalizada dessa mesma falta, que, se póde ser imensuravel, sem embargo de não ser sentida, se póde ter mesmo muitas vezes, na propria ausencia dessa sensação, a prova da sua imensurabilidade, precisa em todo o caso de se manifestar numa forte reacção colectiva. Numa reacção, srs., que, na sua substancia, vem a ser a mesma necessidade generalizada dos inventos mecanicos mas que dela difere na sua intensificação, porque

reflectindo as coisas, não mais na utilidade material, senão na sua essência e na sua alma, já lhes não tolera a substituição por nenhum preço. E' uma necessidade que fica a crescer e a expandir-se, ao contacto das proprias coisas que a fizeram nascer, não consentindo que os corpos por ela vinculados se separem, sem que uns dos outros levem, no seu deslocamento, um pouco daquela alma e daquela essência, pelas quais se continúem reciprocamente a solicitar, até que, pela sua propria irradiação, nada mais guardem uns dos outros, ou nada mais possam guardar no fundo da sua substancia.

Só essa necessidade, na superioridade da sua fórma, pôde gerar uma alavanca de poder tal, que resista ás cogitações dos homens, na sua atracção pela massa consideravel dos interesses individualizados, e, elevando-as acima dêles, a essa eminencia a que os homens ascendem, na immortalização das estátuas, e donde somente se podem as sociedades guiar para os seus elevados destinos, lhe garanta, a essa mesma alavanca, nos meios sociais onde a exponhâmos, o apreço a que tem direito.

Numa palavra, srs: do mesmo modo que a humana, produto, como esta, da conjunção de tres factores, a alma das estátuas tem a sua origem no amor. E o amor, como sabeis, manifeste-se sob a fórma de uma inclinação volutuoza, sob a modalidade de uma vocação artistica, ou na variedade da admiração de uma sociedade pelos seus grandes vultos, não é amor, senão quando capaz de inflamar os seres e as coizas, que aproxime e que una, na ânsia expansiva de um desdobramento comum.

E' nas expansões desta ânsia, não é nos vinculos daquela aproximação, ou dessa união, pela qual é costume representá-lo, que rezide o simbolo do amor. Pela união dos seres aos seres, tanto ainda uma da outra se aproximam a doçura do amor e a amargura do odio, tanto este com

aquele se confunde, que muitas vezes, bem o sabeis, na distinção entre os dois se dezencañtam e sobram as mais refinadas argucias. E' o beijo, desde a mais recuada antiguidade, o sinal repintado do affecto, da união dos corpos e das almas, e até das almas da terra com as almas do céu. Os romanos selavam com um beijo a santidade do contrato esponsalicio. Com um beijo, sagravam os antigos as honras da hospitalidade. Ha o beijo da paz e o beijo do altar. Mas ha tambem, srs., o beijo de Judas, que é um simbolo da traição.

O artista que ama verdadeiramente a natureza, não é o que se declara atraído pelas seduções dos seus encantos, senão aquelle que é, na realidade, capaz de a sentir tão funda e intensamente, e tão intensa e fundamente se deixar possuir pelas suas leis, que, mesmo ás maiores distancias das fórmãs pelas quais a natureza se nos desvenda, nos possa faze-la sentir nos frutos da sua arte, na suavidade ritmica dos seus versos, na doce harmonia das suas tintas, nos acordes sonoros dos seus numeros, no conjunto harmonico das suas linhas, como se fôra a propria natureza que tivessemos diante de nós, a nos impressionar os sentidos. Nem digo tudo—como se esta impressão recebessemos por via de sentidos que se nos houvessem intensificado na sua função. Porque esta é a função suprema da arte : reunir ás nossas as sensações do artista, para que a natureza que, por intermédio destas, se nos desdobra naquelas, revista, nesses desdobramentos, umas fórmãs estranhas para nós outros, fórmãs que em toda a sua extensão e profundidade sejam dela, nas quais sem dificuldade a possamos reconhecer, apenas admirados de as não havermos ainda sentido com a mesma intensidade, mas que, pela deficiencia dos nossos órgãos sensoriais, não poderemos continuar a sentir assim, senão ainda por intermédio das sensações do artista.

A admiração das sociedades por esses exemplares seleccionados da nossa espécie, que, no ar-

dor da sua lubricidade espiritual, vivem a procurar-lhes o contacto, para a obra de uma reprodução comum, em novas idéas, novos costumes, novas leis, novas sociedades, em suma, não se ha de revelar simplesmente no arrastamento das multidões, para lhes ouvir a palavra, ou lhes aplaudir a conduta. Se as sociedades não lhes abrem o seio, para lhes receber as idéas e desdobrar-se com elas na beleza de uma obra, que não seja meramente o orgulho de uma geração ou a vaidade de uma época, toda a sua admiração, por mais entusiástica que se apregõe, não passará de um sentimento egoistico, um dêses desejos que se não procuram casar a outros desejos, senão para se satisfazer a si proprios, e que, mal se satisfazem, os abandonam nas suas expansões insaciadas.

O amor ou não existe, ou terá de se revelar pela reciprocidade de duas dádivas, nas quais o desejo, com que entre cada um dos doadores, de receber a do outro, venha a coincidir com o de lhe entregar a propria, de modo que a nenhum seja dado saber onde acaba o gôso que experimenta e começa aquele que proporciona. Traduz-se por uma convergencia de aspirações, que, se deixam de ser iguais em absoluto, é porque da sua absoluta igualdade resultaria o nada, mas que não devem diversificar entre si, senão o bastante para que o equilibrio entre umas e outras se desfça e tenham todas resultante na ponderabilidade de um fruto. E' a desigualdade inevitavel, que se não gera no seio dos individuos, mas vem de longe, trazida por uma força remota, na sua origem, a força que fez a materia, distinguuiu os sexos e acabou transformando as espécies.

Mas, srs., entre as sociedades, trabalhadas pela força coordenadora da espécie, e a acção dêses espiritos, que, como um resumo vivo de tal força, as querem vêr unidas, na conquista de um ideal comum, se estendem e multiplicam os individuos, tão dispares nos seus desejos, pela acção daquela for-

ça centrífuga, de que saem as espécies transformadas, que toda a união entre tais espiritos e tais sociedades, quando se não torne impossível, acaba resultando estéril. Se, apesar da evidencia de semelhantes distinções, ainda os primeiros teem o ensejo de se revelar produtivos, é que são como certas flôres, tão livremente expostas, ao ar, pela extrema sensibilidade das suas anteras e dos seus estigmas que, ao contacto das mais leves falenas, vindas de longe, ou á simples passagem de um vento fecundo, se polinizam, enquanto outras não cedem, nas suas pétalas alares, se não á pressão dos insectos pesados, de vôo rasteiro, e que não vizitam as primeiras.

Em face das sociedades, os sociologos vêem-se, em regra, colocados na situação de um pintor apaixonado pela sua arte, diante da impassibilidade da natureza bruta. Se nos querem enlevar na contemplação de uma obra capaz de nos sorrir ao ideal, teem que se limitar a bosquejar imagens, a pintar quadros, simples representações de leis que se lhes agitam nos cerebros, e que não se nos manifestam em resultados visiveis, senão na fugacidade de alguns instantes, em trechos apanhados sob o banho de uma luz efémera, que desce do futuro longinquo, como desce do azul do céu a luz fecunda, sob cujos raios de oiro e de prata a alma da natureza nos parece querer sair ao encontro, para um contacto mais íntimo, donde possa resultar alguma cousa mais do que uma simples inspiração e um belo quadro.

Se a historia consegue anular as distancias e as distinções pelas quais se nos torna impossível sentir as sociedades nas pulsações isócronas de um só coração, é porque a historia é a expressão daquela força unificadora, que nos conserva a espécie nas próprias subdivisões das suas variedades. Subordinadas a essa força, que, no desdobramento da sua acção, se vai desembaraçando da materia estensa, pesada e impenetravel, as sociedades acabam

por confundir-se na unidade das suas tradições, fôrma sob a qual passam a dar aos individuos, representados pela sua memoria, o que dêles receberam em vida. Os que mais lhes deram do seu espirito mais recolhem dêsse amor póstumo. E assim como os individuos, por amor ás sociedades, nelas se procuram integrar, espiritualizando-se e engrandecendo-as, as sociedades, nessa retribuição tardia, se vão desvanecendo no anonimato, enquanto elles se engrandecem e se corporificam. Ha um momento em que toda uma época parece desaparecer, na representação de um só espirito. E' a alma de uma estátua que surge e se nos revela. A estátua ergue-se depois, na materialidade do mineral, sob a fôrma de corpos já mineralizados no seio da terra, como do contacto da materia com a materia se formam e se nos manifestam os espiritos, a animar-lhes o fruto comum.

As estátuas, srs., quando se corporificam por essa fôrma, são alguma cousa mais do que meras imagens, ou simples retratos individuais. Por isso mesmo, não é de rigor que reproduzam, com precisão, as linhas e os contornos do individuo cuja memoria perpetuam; porque a função dos seus contornos e das suas linhas é representar os caracteres fisicos da espécie a que tais individuos pertenceram. Dêstes, o que as estátuas não podem deixar de herdar, e herdaram na realidade, são as qualidades morais, consubstanciadas nos seus nomes imorredoiros, que ficam dess'arte a designar a espécie humana, compreendida num dado momento historico e numa área geográfica de mais ou menos amplitude, e a transmitir-se, pela rememoração daquelas qualidades, de geração a geração.

\* \* \*

Ora, srs., João Lisboa não foi um poeta, que se contentasse em fotografar e cantar a sociedade, na beleza de alguns dos seus aspectos. Nem

foi, tampouco, um inventor de máquinas, um conquistador de terras, um descobridor de sôros, um desses espíritos, grandes sem duvida, não menores, certamente, que os filosofos, os juristas, os moralistas, os sociologos, mas que, no seu desejo de aperfeiçoamento e engrandecimento da espécie, não se procuram pôr em contacto directo com o espirito dos individuos. A esses facilmente se ligam as sociedades, sobre cujas misérias se elevam, porque elles se lhes apresentam, para os vinculos dessa união, materializados nos seus inventos, nas suas conquistas, nas suas descobertas.

Sabeis, srs., como as cousas se passaram em tórno de João Lisboa. De um lado, contrapunham-se-lhe os inimigos declarados, aqueles que lhe não podiam soffrer a luz vívida das idéas, porque, não lhes sendo possível absorvê-la; essa luz incidia sobre elles, na opulencia dos seus raios, como um peso esmagador. Não o podiam vêr através daquellas idéas: sentiam-no por baixo deste peso. E, quanto aos outros, os que se lhe diziam amigos, e que, do lado opposto, parecendo orgulhosos da honra de o possuir, lhe abriam os braços e o atraíam, não procuravam, no calor dessa aproximação, o elemento vital de uma obra digna do grande correligionario, e que, dignificando-os, a elles proprios, pela sua colaboração, passiva embora, os viesse tambem a propellar em direcção aos longes dêste nosso presente, que, vitima como o passado, da mais terrivel das ataxias, não pôde ainda seguir a linha recta dessas pégadas, diante das quais tanto nos maravillhâmos, quanto mais encontrar os pés que as imprimiram. Esses não pretendiam, da sua aproximação e dos seus aplausos, senão as energias que lhes pudessem avolumar a adiposidade dos interesses individuais. E ao peso dêstes partiram, sem cerimonia, todos os laços daquela união ficticia, apenas sentiram o choque de um impulso mais forte, capaz, senão de os guindar até ás regiões onde pairava

o amigo, tão inacessíveis ainda hoje, como naquele tempo, ao menos de os elevar acima daquelas inomináveis baixezas, que nos desgostos e nos sofrimentos de João Lisboa se vieram a tornar immortais.

Aquelas homenagens que aqui se tributaram ao grande morto, antes e ainda depois da sua descida ao tumulo, os funerais que lhe fizeram, e a que se refere José Verissimo, num belo trabalho, agora reimpresso pela Academia Maranhense, sob os auspícios do governo, não tiveram a significação que lhes emprestou o crítico eminente.

Não fôram a glorificação do triunfador, que passava á posteridade. Eram, na sua expressão mais geral, um óbolo de piedade por um vencido, que ia voltar ao passado caótico, donde emergira, na desintegração da materia contingente. Porque, srs., para aqueles que não medem o resultado do esforço, senão pelas suas vantagens materiais e immediatas, João Lisboa não podia passar de um homem que labutára de mais, mas em vão, talvez bem intencionado, mas positivamente infeliz no emprego de tanta actividade, e que ao cabo das suas inuteis pelepas caíra abatido e derrotado.

A tortura do arrependido póde ser a alma de um amor nascente, um amor em formação. Mas, enquanto arrependimento, é a alma de um odio que morreu, a expressão do odio satisfeito.

Ha, srs., nas vicissitudes dessa vida, que fluiu, accidentada e fragorosa, como uma contínua cachoeira, a rolar de penhasco em penhasco, tres factos que são bem característicos, como traços fisionomicos da situação irritante e deploravel, criada pela turbamulta dos interesses estreitos de momento, em conflito com os principios liberaes de João Lisboa.

Ao primeiro, já se referiu, pouco ha, e com o brilho do costume, o iluste orador que me precedeu. Está naquella imputação aleivoza e pérfida

que não trepidou em se erguer até ás plantas do grande cidadão. Nem o passado de João Lisboa, que apenas saíra da adolescencia, collocando-se á frente do *Brasileiro*, já revelava, no dizer de Teófilo Braga, ao lado de uma profunda convicção da liberdade, o seu espirito de ordem; nem a propria sinceridade da attitude com que, das colunas do *Farol*, suspendeu a sua opposição ao governo, para concitar o povo a prestigia-lo nas extremidades da conjuntura em que se achava; nada o pôde abroquelar contra a irrogação de conivencia nos saques, na carnificina, na selvajaria em suma, com que o pardavasco Balaio e o preto Cosme, nos impetos da sua boçalidade criminoza, entenderam de justicar a violencia de uma prisão illegal, exercida no municipio de Caxias, contra a fraqueza de um companheiro.

Emparelhando com esse facto, em cuja caturada se vê nitidamente estampado o sentimento do odio irreprimivel, com que os adversarios de João Lisboa respondiam á acção desinteressada e moralizadora da sua pena, aí se nos exhibe, com um caracter quiçá mais condenavel, a indifferença com que, no seio dos seus proprios amigos, daqueles por cuja causa indefessamente trabalhava, correspondiam ao dispendio de tanta actividade e a tão inapreçaveis serviços. Candidato, em 1840, a deputado geral, quando certamente na consciencia do seu valor, contava que o seu partido, orgulhoso da companhia, cerrasse fileiras em tôrno do seu nome, para lhe receber a candidatura num só abraço, João Lisboa teve que abandonar a idéa da sua eleição, porque esse mesmo partido, representado nos seus elementos preponderantes, a acolheu com uma reserva e uma frieza imperdoaveis, que se teriam de transmudar ainda posteriormente numa hostilidade ostensiva, em face de cujos prenuncios foi irrevogavelmente retirada.

Da sua desambição pessoal, João Lisboa ha-

via dado provas tão bastas que não tinha necessidade de documentar a nobreza dos seus intuitos, dos intuitos com que se dispuzera a representar a sua provincia de uma tribuna mais elevada que a da assembléa local, onde já a vinha honrando com um grande brilho. Era o opositorista mais decidido, e mais coerente, aos máus governos que lhe infelicitavam a terra. Aproximado de uma situação, que dêle se procurára acercar, aproveitando-lhe os serviços na secretaría geral do governo, pouco tempo permaneceu nesse cargo, porque teve de acudir a um interesse superior ao do governo e aos seus proprios — o interesse da liberdade, profundamente comprometida no assassinio impune de um chefe liberal. Para reivindicar o direito á vida dos seus concidadãos, o qual, ainda depois de perpetrado o crime, se conservava sob as patas dos delinquentes, foi que pediu demissão daquelle lugar e voltou á imprensa, onde se collocou á frente do «Farol Maranhense», numa segunda fase dessa folha, que a primeira encerrára, em consequencia de uma perseguição politica, movida contra o seu redactor, um amigo e correligionario de João Lisboa.

Mas, por isso mesmo que só os interesses superiores da sua terra o haviam induzido a disputar uma cadeira no seio da representação nacional, tais occorrencias deviam produzir no ânimo de João Lisboa o efeito, que aí tiveram, daquela poeira malsã, que o simun levanta na aridez dos desertos africanos, envolvendo a atmosphera até ás maiores distancias, revolvendo a terra, interceptando a luz do sol, até desnortear de todo as caravanas, por uma completa desfiguração da curva do horizonte.

O estado de espirito com que João Lisboa, á vista de tanta miseria, contra elas reagia, até se tornar aquelle homem macambuzio, de que ele proprio nos fala, ao referir se aos seus encontros com Alexandre Herculano, «mais macambuzio ainda do que ele», define-lo muito bem o dezabafo daque-

la peroração vibrante, que foi a do discurso proferido, na assembléa da então provincia, em favor dos vencidos da revolta praieira.

Carece de razão Antonio Henriques Leal, o seu biografo e seu amigo, quando vê uma injustiça na candencia das palavras que o eminente parlamentar deixou cair sobre as chagas da sua terra. João Lisboa não se referira ao seu Maranhão amado, ao Maranhão na sua essencia, representado pela força divina que lhe pudéra produzir o espirito. Aludia, sim, e não podia deixar de lhe aludir daquelle modo, ao Maranhão pezado e retrógrado, que se esforçava por detê-lo, firme no seu propozito de permanecer estacionario á margem da eternidade.

\* \* \*

João Lisboa via-se assim reduzido á condição dessas zonas mais flexiveis do relevo terrestre, em contacto, até grandes profundidades, com as maiores alturas, pela agua e pelo ar que as penetram, mas que, por isso mesmo, colocadas entre rochas massiças, com as quais não lhes é possível uma coesão duradoira, acabam cedendo á acção da gravidade, quando a massa central se lhes desprende, na sua contracção incessante.

Os agrupamentos humanos, na sua subordinação aos preceitos do direito, são como a terra vinculada ao sol pelos seus raios. A terra radia calor. As sociedades radiam liberdade, e, por efeito dessas radiações, concentram-se como a terra. Na sua concentração progressiva, a sociedade brasileira vinha actuando sobre o espirito do provinciano illustre, deslocando-o do meio onde vivia, desde as lutas da independencia. Quando, em 1831, occorreu o notavel acontecimento historico, que foi a abdicção do primeiro imperador, João Lisboa, já em contacto com o coração da patria, então dividida entre um sentimento nacional e um sentimento portuguez, viu-se atirado ao seio do partido brazi-

leiro, em que aquele sentimento se transmudára, na sua então diametral opposição a este, que passou a constituir o partido portuguez, ou caramurú.

Não contava ainda naquella época quatro lustros completos de existencia. Mas, se pequeno era ainda o pêzo dos seus anos, já muito grande se lhe revelava o do amor á terra do seu berço, e foi sob a acção dêste pêzo que se iniciou na vida da imprensa, onde surgiu como redactor de uma folha, em cujo cabeçalho fulgia o nome do seu partido e nas colunas do qual palpitava o seu coração de patriota.

O meio onde vivia não o comportava. No presente estava para ele a razão de ser das coizas e dos homens—o principio e o fim de tudo. A razão de ser das funções publicas, ainda as mais intimamente ligadas aos destinos da colectividade, como acabou verificando na dôr de uma experiencia pessoal, estava na conveniencia dos individuos. E foi por um final desprendimento, a que essa experiencia o conduziu, que João Lisboa, cedendo ao pezo da curiosidade, que é uma das fórmulas da gravidade no mundo espirital, caiu a fundo no seio do passado, onde o espirito se lhe deveria pôr em contacto com as sucessivas camadas das sociedades desaparecidas.

A luta no silencio das bibliotecas, como nas profundezas da terra, quando para uma e outra parte são levados os homens e as coizas, na irreprimivel ansiedade pelas alturas, é formidavel. E' a luta tremenda do grão, que, colocado no cimo das montanhas ou nas frondes da vegetação arborescente, se quiz tornar arvore e montanha. E' a luta da idéa que se quiz mudar em sistema. A secura do ambiente, na distancia em que ficam da sua fonte inicial de energia, acaba deslocando essas sementes que, querendo ascender, pelas radiações da luz, se desprendem e caem afinal no seio almo da terra, onde vão buscar a força de que carecem. E' a luta que faz as cordilheiras, as florestas e as

filozofias, e que, quando não pode as guindar até ás alturas a que aspiram, atrae, ao ponto a que chegam, aqueles que as devem fazer luzir nas corôas dos reis, dos vencedores, e dos sabios. Halley arrancou da historia um carvalho, que já aí florescia, na sua transplantação da terra, para o tornar inorredoiro no céu, donde hoje cinge a memoria do sabio astronomo, com as cintilações diamantinas de vinte estrelas.

Srs.: é do fundo dos geosinclinaes, para onde a gravidade, que é a sêde e a fome da terra, arrasta, no escoamento das aguas, os elementos moveis ou soluveis das rochas, que se erguem as grandes saliencias do relevo terrestre. Descendo ao passado longinquo, pelo estudo aprofundado da historia, João Lisboa outra coiza não fazia senão predispor a baze para os sedimentos donde se teria de erguer mais tarde a sua estátua.

No fundo dêsse passado, a sua sêde de saber, alimentada por uma filozofia sã, reunia os vastos subsidios, que essa mesma filozofia lhe veículava e modificava, e que, ao calor da historia dos povos, nas suas diferentes fazes, deviam chegar á sintheze daquelas belas concluzões sociologicas, com que ainda hoje tanto nos deleitâmos, e que se podem comparar, no processo da sua formação, aos elementos associados e integrados, numa fórmula cristalina, pela metalurgia formidavel, cujas officinas assentam sob os nossos passos descuidados e efémeros.

Para as reacções da filozofia, tudo convém—os proprios erros e vicios das consciencias empedernidas. Ela sabe extrair deles as verdades mais puras e as mais brilhantes virtudes. E, ainda quando a impermeabilidade e a insolubilidade dessas rochas sejam tais que os vicios e os erros se não possam despegar delas, nas mais impetuozas correntezas, senão com os proprios corpos a que se agreguem, a filozofia, na sua fórmula mais geral, a filozofia da natureza, que é a propria natureza em acção, reage

sobre esses corpos, arrojando-os ao fundo do passado e dissociando-os em gerações sucessivas, como as aguas das grandes bacias de sedimentação, que reagem sobre os maiores blocos, levados ás suas profundidades.

Quando João Lisboa, solicitado pela politica, como o são as montanhas em formação pelas atrações siderais, emergiu novamente na imprensa, não era mais o partidario dos tempos idos. Como as proprias montanhas, que, na sua ascensão para o azul, vão fugindo, momento a momento, na altura dos seus cimos, á atração da planicie, ao mesmo tempo que o poder dêsse azul sobre elas se amplia e fortifica, João Lisboa pouco a pouco se foi esquivando ao jogo dos partidos, até que acabou inteiramente prezo á politica, na sua mais alta significação. Na imprensa, onde de novo surgiu, á frente do *Jornal de Timon*, que é, na expressão do dr. Pedro Lessa, «a sua verdadeira obra de escritor, aquela que o tem feito e ainda o ha de fazer conhecido da posteridade», appareceu como o sociólogo profundo, a que José Verissimo chamou o mais filózofo dos nossos historiadores.

Uma das fórmas por que as sociedades incultas, no delirio da sua inconsciencia, reagem contra os escritores que se proponham a tarefa penosa de as iluminar, é deixá-los sem leitores e sem recursos.

Mas, por outro lado, não é apánagio dos seres superiores, na grande concorrência vital, apenas a faculdade, que João Lisboa mostrára possuir no mais subido gráu, de estenderem o campo da sua actividade a grandes distancias, quando, no círculo onde se agitam, lhes escasseiam os meios de subsistencia. Antes que as grandes arvores, que, na propria elevação do seu porte, teem uma condição de fraqueza nos meios esterilizados pela secura, se hajam estendido, em demanda da agua refrigerante, ao seio profundo da terra, na luta por não descerem, com a pompa da sua folhagem, até ao

nível onde a herva se desenvolve e arrasta, já as suas sedentas raízes, alimentadas pela humidade crescente, se teem multiplicado á superficie numa rêde inextricavel. E' que os seres superiores tambem se caracterizam pela faculdade de intensificar a sua actividade, na estreiteza dos proprios meios hostís, a que pela sua origem se achem vinculados, e de aumentar aí a variedade dos elementos com que podem subsistir.

E foi assim, srs., que, dum dia para o outro, da noite para o dia, o insigne historiador appareceu perante os tribunais judiciarios da terra como advogado profissional, como o jurista escrupulozo e perspicaz, que mais tarde, comprovada bastamente a sua competencia no fôro provinciano, viria a ser encarregado, por um diario da côrte, o «Correio Mercantil», de lhe dirigir a secção onde se versavam as coizas do direito.

Enquanto a moral, mais espiritualizada, tem como sanção uníca a consciencia social, reflectida no mêdo dos individuos pela simples reprovação aos seus atos, o direito vincula-se ainda fortemente á materia, pela espada com que se nos impõem os preceitos legais.

Mas entre o moralista, que era João Lisboa, e o jurista, que se tornou, não ia a diferença que vai da moral ao direito. Na realidade, pugnando pelas cauzas confiadas as seu patrocínio, era João Lisboa mais que um homem do direito, mais ainda que um moralista. Sentia o direito, como os juristas de raça, com a sensação de um estéta.

Essa estezia atormenta-o e mortifica-o. Não era a estezia vulgar, que distingue entre uma bela obra de arte e uma obra de fancaria. Mas a que funda escolas, que leva a preferir um quadro a outro, uma a outra obra, sem que o artista possa dizer por que razão, pois dentro de cada uma das escolas a que respectivamente se filiam, tais obras e tais quadros são igualmente belos e perfeitos e entram, sem dissonancias e contrastes aberrativos

no plano geral do quadro que todo o artista encerra no fundo do seu sentimento estético.

Para João Lisboa, as transgressões da regra social não eram uma irregularidade: eram uma deformidade, uma monstruosidade. O delito não se lhe apresentava como um ato ilegal, senão como um ato feio ou monstruoso.

A tela, á luz da qual esse estranho pintor das coizas sociais encarava os fenomenos sociologicos, trazia-lhe o espirito em contínua tortura, assim pela perfeição suprema dessa tela, como pela mais perfeita conformação ás suas linhas, das linhas inviziveis daqueles mesmos fenomenos.

Sabeis, srs., o que se passava no espirito acrizolado do justo. O artista superior, que acaba por se identificar com a natureza, sente com ela, como se fôra ferido nas partes mais sensiveis do seu ser, o sofrimento das coizas, a sua monstruosidade e o seu martírio, a sua cegueira, a sua mudez, as suas feridas e a sua morte, na aberração das suas tintas e dos seus sons, na sua carencia de luz, de sonoridade e de repercussão, nas suas mutilações e na sua destruição, ainda mesmo quando a tortura desses sofrimentos não se faça sentir senão na representação das coizas da natureza pela arte. Nesse artista estão os nervos pelos quais a natureza sente as suas alegrias e as suas dôres e nos transmite as suas sensações.

As sensações da nossa especie, para ainda uma vez a destacarmos da confusão da natureza, culminam na superioridade de alguns cerebros, nos quais a consciencia da unidade dos nossos fins supre a falta de continuidade material dos nossos corpos. Para aqueles que as experimentam, cultores da mais bela das artes, o prazer supremo reside na sensação da harmonia que a especie ensaia nas organizações sociais. Os desregramentos das sociedades, os desvios da directriz que as deve conduzir aos fins comuns, produzem no ouvido intellectual desses artistas o efeito que cauzam ao nosso

ouvido físico os sons desafinados de um instrumento. Nos seus cérebros, como que se encontram os centros cerebrais das sociedades. Diante das perturbações do estado higico das relações sociais, ou das doutrinas subversivas, são arrastados a restabelecer a ordem, ou a obstar á desordem, com a mesma irresistibilidade com que o cérebro nos coordena os movimentos e nos adverte do perigo. Eles velam pelos destinos das sociedades com a ternura de um grande amor.

A esse amor, apaixonado e ardente, como aquelle de que os verdadeiros poetas recebem a inspiração dos seus versos, é que devemos a eloquencia parlamentar do grande orador.

\* \* \*

A eloquencia, que a doçura da sinceridade de João Lisboa e os fulgores do seu engenho punham na sua palavra, assumiu um requinte inuzitado no já celebre discurso que proferiu, da sua cadeira de deputado provincial, em prol dos revoltados da Praia, em Pernambuco, para cuja sorte, digna de clemencia, pedia a clemencia dos vencedores. «E', sem dúvida alguma, esse discurso, para citar ainda uma vez palavras de José Verissimo, uma das mais alevantadas e perfeitas, uma das mais tersas e elegantes orações jamais proferidas no Brazil».

Mas o que mais entuziasma, o que entuziasma e enternece a quem acompanha, de longe embora, os surtos dessa peça tribunicia, na altura dos quais bem se revê o enlevo do biografo de Antonio Vieira, ante a magia da sua eloquencia, não é a tersa perfeição da fórmula do orador. E' o ardente e apaixonado amor pela liberdade, que inspira, anima e inflama toda a beleza classica do seu discurso.

Não fôra João Lisboa pela revolta. Politico moderado, embora liberal, na mais ampla acepção do termo, á acção violenta dos grandes e subi-

tos desmoronamentos, preferia a erosão lenta das rochas.

Atemorizava-o a perspectiva das reformas obtidas mediante esses movimentos profundos, que não chegam a estabelecer as igualdades desejadas á superfície, senão depois de haver produzido as maiores deformações, não só nessa mesma superfície, contra a qual se dirigem, como nas proprias camadas inferiores.

A observação habitual das sociedades cujas instituições tenham chegado, na constancia do seu evoluir, a um adiantado gráu de estabilidade, levamos a repelir a hipoteze da necessidade das revoluções, como a faze de acalmia, que, segundo todas as apparencias, atravessa a crosta terrestre, tem conduzido a geologia dos exageros do catastrofismo aos extremos do atualismo. Mas, do mesmo modo que o estudo da terra, nos seus sedimentos estratificados e na variedade das suas forças, que se não reduzem ás forças da sua superfície vizivel, nos prova que os phenomenos geologicos nem sempre teem sido efeitos de causas prolongadas, do mesmo modo a historia das sociedade e o estudos seus elementos competentes, isto é, das forças humanas, cujas origens não morrem á flor dos espiritos abertos á nossa observação, mas se vão perder, confusas, por efeito das influencias ancestrais, na mais feroz animalidade, não nos podem deixar de evidenciar que os horrores das revoluções teem sido acontecimentos inevitaveis, como o horror e a repulsa humana ás injustiças que a essas revoluções nos conduzem.

Ora, srs., João Lisboa, que, pela terra do seu nascimento, se achava ligado á sociedade onde vivia, pela evolução do seu espirito pertencia aos grandes centros da cultura e da civilização, onde as reformas sociais se operam pela acção pacifica das idéas.

Mas, distanciado embora do meio de origem, por um grande progresso espiritual, continuava a

viver nele. Aí é que se lhe agitavam as raízes da família, dos amigos e da pátria. E a realidade material, que não podia deixar de o ferir, dava lugar a que, considerando uma temeridade, uma imprudência mesmo, o movimento revoltoso, que condenava, se batesse, entretanto, com um ardor intenso, por aqueles que não haviam logrado a vitória apetecida.

O facho que ateára a revolta luzia-lhe também no cerebro. A' evocação da liberdade, no nome do seu paladino, João Lisboa, de pé, na modesta tribuna até onde pudera chegar pela vontade dos seus correligionarios, incendia-se, e como que fala de dentro de grandes chamas. Evoca o nome do chefe liberal vencido, e não prosegue senão depois de transfigurado, na genuflexão da sua alma apaixonada pela liberdade até á vertigem do extaze:

«Nunes Machado... Diante d'este nome, é necessario que eu pare, cheio de dôr e veneração».

Nada mais simples, srs., mas também nada mais belo. Vê-se na simplicidade dessas palavras, em toda a expressão da sua candidez e da sua brancura, a alma do liberal e do justo, tão retraído e severo diante das graças do poder, tão dôce e carinhoso em face das vitimas da liberdade. E como que sentimos, diante da sugestão que dessas palavras se evola, o desejo de parar com elas, suspensos pelo orgulho da grande felicidade de as poder estar invocando nesta festa, na qualidade em que o fazemos, de filhos da mesma terra onde puderam ser sentidas e faladas.

João Lisboa reconhecia que as revoluções, «dominantes em toda historia da humanidade», são mais que um facto constantemente reproduzido, porque constituem «um direito fundado na justiça e necessidade e na propria natureza do homem, que, amoroza do bem e do aperfeiçoamento, o leva a aborrecer, combater e vencer o mal, revelado sob os accidentes da opressão e de um máu governo».

Sabeis, srs., que o filozofô tinha razão. Os go-

vernos da terra não podem pretender, sobre as sociedades humanas, um dominio inconstrastavel, a que se não submete, apesar da sua inconsciencia, a propria esfera sobre cuja superficie pizamos. Os planetas não gravitam servilmente em tórno do sol, porque não giram em redor do seu centro de figura, senão de um centro de gravidade, rezultante das forças combinadas de todos os astros do sistema.

Na velocidade com que nos transporta pela amplidão do infinito, o sol é contido pelas proprias leis a que os planetas se acham submetidos. A lei segundo a qual a força centrifuga, de que são esses globos animados, tende a afastá-los do astro central precisamente da quantidade de que o mesmo astro os atrai, é uma lei de justiça, que se torna efectiva pela velocidade dos movimentos planetarios.

Na origem dessa velocidade, está a cauza da revolta humana contra a opressão do poder. Amparados no prestigio da sua força, os governos procuram arrastar as sociedades nos surtos dos seus caprichos. Mas a esse pendor para o depotismo, tão fatal nos governos como a tendencia da marcha do sol para a constelação de Hercules, as sociedades, como os planetas, opõem a rezistencia da sua solidariedade; e a massa popular, no seu afastamento do poder e na penumbra em que vive, é como o mundo gigantesco de Jupiter, que, pela enormidade da sua massa e do seu volume, a que deve o grande calor armazenado no seu seio, atrai de tal modo o centro de gravidade do sol, apesar da grande distancia em que fica deste astro, que bem se poderia dizer que não gira em redor do fóco solar, mas sim que o sol e ele são componentes de uma estrela dupla, com um centro de gravidade comum, em tórno do qual gravitam.

A vontade dos governos não pode ser a vontade dos individuos que os representam, senão o rezultado de uma convergencia das volições de toda

a sociedade. Acima dêles está a força donde dimanam, como acima do sol se acham as energias que lhe geraram o poder. Como estas energias, de que a esfera solar não tem o privilegio, que se encontram em cada globo do seu sistema, e que, difundidas pelos espaços siderais, exercem sobre este, em todas as direcções, uma influencia equilibradora e harmonica, as forças humanas aí estão, no seio dos individuos, como no das sociedades, cada uma das quais recebe das outras, das suas idéas e das suas instituições, a eficacia de um novo influxo. As idéas em que as sociedades se decompõem são como as energias pelas quais os sistemas estelares se comunicam, e que, reduzidas embora pela distancias reciprocas desses sistemas, nunca entretanto se chegam a nulificar.

Para João Lisboa, como para Gambeta, «ha nas coizas aqui em baixo uma justiça imanente, que vem a seu dia e a sua hora», e não é senão para que confiemos nela, por uma sólida esperança no futuro ignoto, que os nossos corações palpitam.

Do mesmo modo que as forças combinadas do céu gradúam a influencia solar sobre cada planeta, a justiça, como expressão das idéas dominantes no mundo, impede que a disciplina social se transmude numa calamidade. Pode demorar nos seus efeitos, mas é inevitavel. E' ela, pelos preceitos em que se traduz, que faz mudar periodicamente a face dos governos, como a fatalidade das leis astronomicas modifica a superficie do sol, em periodos regulares. Se o sol pudesse querer, e quizesse violar o rigor das leis siderais, aumentando a velocidade do seu movimento, esse facto traduzir-se-ia por uma grande revolução, que poderia ter, como consequencia, um novo desmembramento da sua esfera.

Como a terra, o homem tem tambem a sua força centrífuga, que é o sentimento da liberdade. A grande instabilidade do seu organismo, donde

lhes adveem a vida e a consciencia dos seus direitos, deu-lhes esse sentimento, como a velocidade dos planetas lhes deu a invencibilidade daquela força.

\*  
\* \*

Foi pela via da historia que João Lisboa passou da tribuna parlamentar para a tribuna judiciaria. Ora o contacto da historia depura-nos o sentimento de justiça, integrando-nos a consciencia.

Diante dos factos historicos, o historiador, que os reconstitúa, fica na situação de um paleontologista colocado em face de vestigios organicos que esteja na necessidade de recompôr. Obrigado a preencher as lacunas que se lhe deparam, ou a eliminar, de certas cogitações, factos que com ella não pode conciliar, o historiador deixa-se conduzir pela logica, que é alma da verdade, e com a verdade se identifica.

Srs., podeis ter a certeza de que nos achamos reunidos em tórno da estátua de um justo. E' uma festa de justiça esta que celebrâmos. A' justiça do maranhense immortalizado pelas suas palavras e pelos seus actos, antes que o fosse por aquele bronze, reunimos a nossa, consagrando-lhe as homenagens dêste dia.

Nem a justiça do artista nos faltou com o seu concurso para o brilho desta solenidade. Justiça, digo, que a verdadeira justiça humana é essa, a justiça que a arte realiza por uma harmonia de linhas num todo material. A outra, a que se faz pelo equilibrio de forças apenas perceptíveis pelo nosso espirito, já participa da natureza divina. Essa propriamente não é nossa: impõe-se-nos. E' debalde que tentamos desfazer a alma dos individuos ou a dos povos. Aquele que as fez as refaz. E, porque o egoismo humano nos é inerente á propria alma, funde-nos as almas no tempo, para que, passando a constituir como que a alma de um só corpo, o levein a reagir contra as injustiças sofridas

em qualquer das suas partes, como individualmente reagimos contra aquelas de que somos vítimas.

A felicidade, na escolha do artista, devemos-la ao ex-governador Luiz Domingues, como devemos ao governador actual a inauguração, ha tanto tempo protelada, do monumento. A' Academia Maranhense deve-se o esplendor desta solenidade, que foi acelerada, nos seus antecedentes historicos, pelas rutilancias do discurso com que Viriato Corrêa, á data deputado estadual, apresentou ao nosso congresso o projecto de lei em virtude do qual foi o mesmo monumento encomendado.

Deixemos de lado, srs., a questão de saber a quem determinadamente se deve attribuir a paternidade da idéa que hoje atingiu o termo final da sua evolução. Não estamos aqui para diminuir, senão para exaltar a memoria do grande morto. Uma tal idéa não deve ter tido um autor determinavel.

Para que, entretanto, a justiça dêste momento seja completa, uma coiza ainda nos falta. E' que não deixemos izolada, na sua condenação pela historia, a sociedade do tempo de João Lisboa. Colocados no ponto de vista do historiador, reconhecamos que, passados 54 anos, não se modificaram as idéas dominantes naquele tempo. Lendo-se João Lisboa, tem-se a impressão de que muitas das suas paginas fôram escritas, por uma dessas antecipações comuns nos espiritos como o seu, sobre factos e individualidades dos nossos dias.

Apenas, a grande arvore ruiu... As suas raizes tornaram-se quazi pó, e das frondes viçosas, donde tantos frutos brotaram, exuberantes de sabor, de côr e de aroma, não se projecta mais a sombra, que fazia o terror do escalracho. A arvore tombada não cauza mais, aos interesses da vegetação rasteira, senão um mal que ela não pode perceber. O que da arvore subsiste, o que aí está, a recordá-la para sempre, são as suas folhas, tão folheadas nestes dias, são as suas flôres, tão ricas de seiva e de vida, que, ainda tanto tempo depois de

cortadas, continúam a reproduzir-se a si proprias, em novas edições, cada vez mais belas, como que a zombar das proprias leis da natureza, segundo as quais o aperfeiçoamento da especie tem como condição o cruzamento das variedades respectivas.

Ainda bem, srs., que a inconsciencia da vegetação rasteira lhe não deixa perceber a teia inextricavel que a envolve, estabelecendo entre os seres, na luta pela existencia, as mais estreitas relações de dependencia. As arvores vão-se, mas ficam os passaros que se nutriram nos seus ramos e estes passaros, exterminando os insectos a que certas plantas devem a facilidade da sua proliferação, substitúem os ramos frondozos, na projecção da sua sombra.

Ainda bem, outrosim, que nos foi dado assistir, em tórno da grande idéa, a tantos entuziasmos sinceros.

\*  
\* \* \*

Ao ilustre prezidente da Academia Maranhense, os meus agradecimentos, pela liberalidade das palavras com que finalizou o seu discurso, entregando-me a estátua, em nome do governo.

A vós, srs., que me ouvis, é que verdadeiramente compete a guarda, cuja honra acabo de receber.

E' vossa a estátua que aí fica, no alto do seu pedestal, a preservar, contra o contacto das coizas e dos homens, das más idéas dos homens e da inferioridade das coizas, um espaço sagrado para todos nós, tão sagrado, pela séde que foi do grande espirito, que, ao ser novamente circunscrito, não pôde ficar senão no alto de um pedestal, como uma custódia inviolavel, onde os nossos dedos não cheguem, e onde não possam chegar os nossos proprios raios visuais, no culto da nossa admiração, senão purificados pela distancia.

O SR. FRAN PAXECO:

Manifesto-me aqui em nome da Academia das Ciências de Portugal, prezidida por um cérebro extraordinário, em que tantos pontos de ligação ha com estoutro homem escècional, a quem hoje homenajeâmos. Teófilo Braga prefaciou a última edição das Obras completas de João Lisboa, e rendeu o preito que se deve a um publicista das características invulgares de quem burilou as pájinas imorredoiras do *Jornal de Timon*. Lisboa, no remanso do seu gabinete, orientava as multidões, con-tendo-as na prática de máus atos, concitando-as a campanhas generozas. Teófilo, pela fôrça irradiadora das idéas sans, revolucionou os espíritos da sua época em Portugal. Assim fizera Lisboa, a dentro do Maranhão e das províncias setentrionais, como chefe doutrinário dos salutareis princípios autonómicos.

Na história literária e política de ambos os povos irmãos, pouquíssimos se lhe comparam. Sur-jindo numa faze de incertêzas e ajitações, quando se degladiavam os partidos que vinham das refre-gas da independência e se estremaram após a abdi-cação de Pedro I, João Lisboa conhecia os peri-

gos a que se espunha, aconselhando calma aos ezaltados e sensatêz aos conservantistas. Evocaria, porventura, nessa quadra tormentoza, a bela atitude espartana de Odorico Mendes, no congresso, pedindo aos vencedores do sete de abril, com os quais enfileirava, que perdoassem aos inimigos da véspera. Mas, destemido e altruista, juntou sempre a palavra á ação, harmonizando-a numa impoluta consciência. A sua indestrutivel armadura de apóstolo e de pelejador firmava-se no ezemplo. Ajia como pedagôgo, porque era um psicólogo perspicaz e um íntegro moralista. Claro que, envolvendo-se nas lutas partidárias, tinha de ser um paladino intrépido, pugnando em prol das boas normas administrativas, das teorias severas, embora sem intranzijências incabiveis. Era um oportunista honesto, á Gambetta, que nunca mediu sacrificios pela pátria e pela rêpública. Era um «grande cidadão», como o classificou um dos seus biógrafos.

João Lisboa destaca-se deveras, entre os seus contemporâneos, no período heroico da mentalidade rejional. Não porque possuísse mais inteirêza cívica ou erudição do que Odorico, nem mais saber do que Sotéro, nem mais éstro do que Gonçalves Dias. Mas avantajava-se a todos no equilibrio das faculdades. E, militando nas greis políticas, nunca trepidou em estigmatizar os poderozos, quando terjiversavam, em proclamar as verdades eternas, custasse o que custasse, doesse a quem doesse. Alevantou-se naquele meio intelétual, talvez irrepetível, como uma inultrapassável figura dominadora das éras de transformação, e que deparou um sóbrio panejirista em Henriques Lial, o grêco-romano Plutarco dêsses varõis soberbos. Apesar disso, porém, Lisboa e os seus companheiros ezijem uma crítica sistemática. Na publicística, dizemo-lo sem recear que nos acoimeia de ezajêro, o intemerrato autor da *Vida do padre António Vieira* constitue uma individualidade sínteze.

Todos os assuntos ou personalidades répre-

zentativas, por muito que se estudem e apreciem, são sempre suscetíveis de novos juízos, se o seu valor persiste através das idades. Ora as letras maranhenses formam um capítulo á parte, especialíssimo, na história brasileira. Por literatura, cumpre entender tudo que concerne ao pensamento escrito ou falado. João Lisboa jamais se exercitou na beletrística. E no entanto raro será o historiógrafo literário que não o mencione. Arranquem-se os geógrafos, pedagogistas, historiadores, críticos, juriconsultos, etc., ao olvido em que jazem e incorporem-se ao grandioso blóco, pra que os vultos da estatura de João Lisboa se engrandecam inda mais. Perpetuemo-los na memória das gerações, porque do culto dos maiores, do culto dos mortos é que nós vivemos. Os credos aziáticos e europêus desde séculos que nos ensinam essa confortadora mássima. E o Maranhão ufana-se duma vasta galeria de heróis do espírito, que são os autenticos heróis modernos. Ponham-se em relêvo, pois sobejam os elementos pra lhes erguer outro Panteon. E' só querer e saber aproveitá-los.

As sociedades primitivas construiam mauzóleus piramidais, em que rezumiam os estos admirativos pelos seus homens-deuzes. Depois, edificaram-lhes templos. E, acercando-se dessas testemunhas marmóreas das suas almas agradecidas, retempêravam-se pros conflitos cotidianos, recebiam fôrça pra continuar a jornada neste vale de lágrimas. Os povos de agora optam pela escola e pela estátua. Na frontaria daquela, gravam os nomes dos que bem mereceram dos compatriícios e da humanidade, pra que as crianças os decorem e venerem. As estátuas, ornamentando os jardins, as praças, os muzêus, os anfiteatros, oferecem-se á contemplação e ao respeito de todos os que passam, cheguem donde chegarem, vão pra onde fôrem.

E, perante a que se ostenta ali, alentando-nos, segredando-nos os desgostos que teve de curtir, as injustiças que suportou, com um vigor estoico, re-

lembramos um epizódio expressivo, que João Lisboa nos conta, a propósito das sangrentas conflagrações de Roma, e que se lhe pôde aplicar. Cícero acuzára, servindo-se duma atroz veemência, o bravo general Marco António, colega de Otávio, o futuro imperador Augusto, e de Lépido, nas ininterruptas guerras de conquista. Vencendo o Ejito, entrara triunfante no bêrço de Rómulo, levando no seu carro florido a majestosa Cleópatra. A catilinária, proferida no senado, «na presença de tudo quanto havia de grande e illustre no mundo», maguára bastante o guerreiro, que jurou vingar-se do imarcessível tribuno. Caída a república, Marco António manda perseguir Cícero, ordenando que lhe decepem a cabeça e as mãos, e as espetem em rostros (esporões), pra que a canalha as escarnecesse. Anos apòs, o abjeto vingador, penetrando no quardum dos netos, encontra-o a ler um dos livros da sua vítima. Apreensivo, restitue-lhe o volume, e acentua:—*Toma, meu filho Foi um grande homem, e era um verdadeiro amigo da sua patria!*

Era o remôrso a sangrá-lo,—o mesmo que acompanharia os que negaram a João Lisboa uma cadeira no parlamento—e os que pretenderam esquecer-se, no correr dos tempos, das inesquecíveis lições da vida e das obras do tão eminente escritor quanto austero político.



O SR. DR. ALFREDO DE ASSIS.

*Meus senhores*

Dr. João Lisbôa uma dessas montanhas que  
evultam na vida mental de um povo de sorte a  
serem vistas e admiradas através de todas as dis-  
tancias no tempo e no espaço por todos os espi-  
ritos na posse da sagrada prerogativa de saber  
admirar. Alevanta-se, cordilheira banhada em luz,  
visível a quantos olhares podem volver-se das pe-  
quenas coisas para a deslumbrada contemplação  
das verdadeiras grandezas. Debalde sobre o seu  
nome teem passado os annos, e hão de passar sem-  
pre debalde, se não é que, ao contrario, lhe torna-  
rão mais e mais refulgente a diamantina peren-  
nidade. Assim, effectivamente, sóe acontecer áquel-  
les que nasceram privilegiados com os resplando-  
res do genio, o que em regra os destina a repre-  
sentarem na vida o nadador que vai de encontro  
ao arrojo e á vertigem da correnteza. Passam os  
dias, ascendem a décadas, transbordam por fim no  
diluvio dos seculos, e eil-os que seguem sobrepai-  
rando progressivamente mais bem conhecidos e  
comprehendidos, á semelhança dos sóes do firma-  
mento, os quaes, mercê da evolução do telescopio,  
cada vez maiores e mais nitidos se vão reveando

ao olhar penetrante dos investigadores do céu. Dá-se até ás vezes que homens inexcedíveis entre os que têm honrado qualquer das manifestações do saber e da intelligencia ficam por largo espaço de tempo como que mergulhados em eclipse, como que totalmente desaparecidos, para depois irem renascendo e crescendo até o ponto de constituirem, pelas idades em fóra, supremo orgulho da patria que os não entendera e da humanidade que passou a divinizar-os.

Tão pesado obscurecimento, é bem certo, não envolveu jamais o nome ao publicista do *Jornal de Timon*. Acontece mesmo que alguns dos seus mais notáveis e autorizados contemporaneos foram os primeiros a lhe proclamarem a rara nobreza dos sentimentos e a prodigiosa capacidade mental. Dentre os proprios adversarios com quem terçou armas na arena politica, houve um, porventura o maior delles, Sotero dos Reis, cuja penna jamais vacillou em lhe tributar expressivas homenagens de admiração e respeito, bastando recordar que, a proposito da *Chronica Maranhense*, jornal de que foi indefesso antagonista nas columnas do *Investigador Constitucional*, gravou Sotero estas palavras no 5.º volume da sua *Historia da Literatura Brasileira e Portuguesa*: «E' opinião minha que até hoje ainda não se escreveu na provincia outra folha politica tão eloquente como a *Chronica*», palavras, meus senhores, como vêdes, duplamente e grandemente significativas, porque depoem de modo incontroverso em relação á eminencia espiritual do egregio educador maranhense, e ainda em relação á passagem de João Lisbôa no jornalismo da nossa terra.

Se, porém, isso é verdade, e verdade consoladora, menos verdade não é que hoje, muito mais do que então, podemos comprehender toda a importancia, toda a transcendencia do papel por elle desempenhado na scena politica e literaria do Maranhão daquelles tempos. Com effeito, somente á posteridade,—e isto já tem a força de postulado que

ninguem nega,—samente a ella é possível encarar com extrema imparcialidade e, por conseguinte, julgar com inteira justiça, as individualidades primaciaes, podendo applicar-se aos homens de qualquer epocha os seguintes conceitos de Antonio Feliciano de Castilho: «Os contemporaneos de cada um dos homens notaveis, heróes ou monstros, dos tempos antigos, talvez não os vissem tão ao natural, como nós cá de longe: porque ? porisso mesmo que eram vivos: cercavam-nos um estrondo confuso, e vozes contradictorias que para nós emmudeceram; o amor e odio, o terror e o enthusiasmo, tingiam nas suas ações os feitos e os ditos; o espectador, muito de perto e distrahido com os seus proprios negocios, não podia abranger a totalidade de uma scena ás vezes immensa e complicada».

Perfeita, a exactidão dessas palavras, as quaes tanto melhor se applicam ao caso de que tratamos, quanto a vida de João Lisbôa, vida complexa, extremamente fecunda e, porisso mesmo, retratada em obra de enorme amplitude, quasi toda se passou no meio da zoeira de mil interesses e paixões por elle valentemente contrariados e combatidos, em grande parte não foi senão a vida, que é céu de tormenta, das almas heroicas pela natureza destinadas ás duras refregas da Liberdade e do Direito, e de que, para gloria nossa, refulgem modelos eternos na historia da nossa terra. Afim de enaltecel-a, mais não fôra preciso que a memoria de Manuel Beckman, o varão excelso que, chegado ao alto do patibulo aonde o levará a maior das iniquidades, serenamente affirmava que morria contente pelo povo do Maranhão. A esse nome, porém, temos a fortuna de poder accrescentar o de varios outros homens excepcionalmente illustres, em cujos peitos o amor da Patria, a dedicação á causa publica, a devoção absoluta aos mais altos principios de moralidade politica accenderam luz de viva claridade e so-branceira a toda a ventania de procella.

Tal, por exemplo, é o caso de Manuel Odo-rico Mendes, que aos treze annos,—coisa maravi-lhosa,—sentindo-se vibrar indignado deante do supplicio na praça publica infligido a um misero captivo, escreveu um soneto que ninguem diria de creança daquella idade, e era seguro vaticinio a annunciar o laureado poeta que havia de ser um dos mais austeros patriotas brasileiros.

Foi decerto desse mesmo quilate aquelle jo-ven de apollinea belleza moral, e que é remembran-ça commovedora,—José Candido de Moraes e Sil-va, o qual, apesar da pobreza, e de ter a seu car-go o sustento de pessoas que lhe eram estreme-cidas, não podendo resistir ás fortes impulsões do coração altanado, se entregou, em nome da causa nacionalista, que era a grande causa do momen-to, ao apercellado oceano do periodismo politico, para elle tanto mais convulsionado e perigoso, quan-to o jornal que fundou para servir de vehiculo ao seu pensamento, o *Pharol Maranhense*, adoptara o dif-ficil programma (estava-se então nos primeiros dias da independencia) que a occasião reclamava de um verdadeiro filho do Brasil, programma a que José Candido viveu sempre corajosamente abraçado, não se lhe oppondo empecilho que evi-tasse levar de vencida, não vendo em derredor, a bravejar espumoso, nenhum odio que o fizesse em-pallidecer e desviar-se ao menos um passo do ca-minho em que seguia, firme e tranquillo, desfral-dando a bandeira lucilante dos seus ideaes, ban-deira que era a imagem espiritual daquella, ver-de e oiro, que o fizera verter lagrimas de emoção irreprimivel quando, ao chegar ao Maranhão de volta de Coimbra, cuja Universidade abandonara no anceo de rever o seu paiz já independente, a avistou pela vez primeira, a 2 de Setembro de 1823, tremulando ás auras da terra natalicia, no mastro da nau de lord Cochrane...

E quando, senhores, fundou José Candido a sua folha, que tão grande nomeada e prestigio ad-

quiriu em toda a provincia, acabava de perfazer os vinte annos de vida ! estava em pleno amanhecer da juventude ! E esta juventude homerica, inesperadamente apagada pela morte cinco annos depois do apparecimento do *Pharol*, foi rudemente experimentada pelo infortunio, rudemente abalada aos solavancos de negras perseguições. Comtudo, o joven batalhador não perdeu jamais a pura e sadia jovialidade que era um dos signaes e um dos encantos das visionarias energias do seu valeroso coração. Como que bastava a amparal-o em quaisquer emergencias, como que era de sobra a compensar-lhe todas as contrariedades e decepeções, o sentir que trouxera comsigo o condão de viver os seus dias trabalhando pela grandeza da terra em que nascera !

Dessa tempera, senhores, foi tambem aquelle que hoje glorificamos no bronze, e vive glorificado no sentimento dos seus conterraneos, legitimamente desvanecidos de o apontarem no numero dos seres que mais se elevarem sob o pallio de estrellas do Cruzeiro do Sul..

Este grande homem é uma culminação do genio da nossa raça. Brasileiro maior do que elle, nem brasileiro mais brasileiro sob qualquer aspecto, me parece ainda não existiu. E se especimens de tal natureza bastam a que se alimentem as mais vivas esperanças a respeito do futuro de um povo, por ser conforme com a razão contar com as maiores possibilidades em se tratando de gente em cujo seio póde manifestar-se o surto e o desdobramento de personalidades como a de João Francisco Lisbõa, então, ademais do que lhe devemos pelo que elle realizou em proveito e para honra da collectividade nacional e com especialidade maranhense, ainda lhe devemos o conforto de podermos confiar no predomínio futuro de uma *élite* capaz de se impor ao maior numero e de assentar em solidas bases a felicidade da terra em que elle tão a peito aberto se manteve, durante annos de asperas con-

tendas, profligando erros e ilegalidades e querendo, acima de tudo, o regimen da justiça e da moralidade politica e administrativa.

Não devo augmentar muito mais o tamanho a este discurso, que porventura já se vai derramando além dos limites em que o devêra confinar. Não me alongarei, portanto, procurando evocar, mesmo em traços ligeiros, as manifestações multiformes do espirito portentoso que elaborou a «Vida do Padre Antonio Vieira» e tantos outros primores onde o saber profundo e os inesgotaveis recursos da arte litteraria correm parelhas com a equilibrada e segura visão do historiador e do analysista, com as admiraveis generalizações do sociologo, e com a ironia e finissimo *humour* que não raro relumbram nas suas paginas immortaes. Muito longe iria eu se pretendesse neste momento resumir as minhas impressões relativamente ao que sei dessa obra soberbamente bella, de toda a qual, repetindo expressões de José Verissimo, se pôde affirmar que «tem o signal das obras que, por virtudes de pensamento e de forma, não envelhecem e ficam contemporaneas de todas as éras», o que vale assignalar ao insigne maranhense um lugar entre os eleitos que constituem a «avenida dos immoveis gigantes do espirito humano», memorados por Victor Hugo na 1ª parte do seu eterno livro sobre William Shakespeare.

Baste-me dizer que, á glorificação desse homem a que o Maranhão acaba de erguer uma estatua, nada mais fôra preciso além da acção do patriota manifestada no jornalismo a que se dedicou precisamente na idade em que José Candido poz em circulação o primeiro numero do *Pharol Maranhense*, factô inesquecível e evidentemente um symptoma de que, nessas duas almas sublimes, ardia com a mesma intensidade a chamma transfiguradora do amor da Patria. E eram ellas, em verdade, tão irmãs uma da outra, que, morto José Candido, interrompeu João Lishôa a publica-

ção do *Brasileiro* afim de se entregar á do jornal do amigo desaparecido, jornal de que nem mesmo quiz interromper a numeração, fazendo-a seguir do ponto em que a encontrava, dir-se-ia que cedendo ao desejo de accentuar mais visivelmente, ainda por essa manifestação de character secundario, que o *Pharol Maranhense* continuaria a reflectir o mesmo espirito que revelara até então, em todos os dias do seu glorioso e revolucionado existir.

E assim foi, com effeito, e nunca jamais deixou de ser de vigoroso patriotismo a attitudo de João Lisbôa na totalidade dos jornaes que redigiu. Porque os redigia sob a inspiração das mais sinceras convicções e do mais puro interesse em servir á causa do povo. O seu patriotismo não conhecia intermitências, clamando um dia, em outro silenciando, a despeito de serem, num dia como no outro, as mesmas as razões para o grito de protesto. Não symbolizava o anemoscopio, que se agita ou se aquieta, conforme o sacodem ou não os impulsos do vento. Longe estava de ser o daquelles em cujos corações muitas vezes nasce e se extingue a revolta sem chegar á palavra falada ou ao bico da penna, porque nos corações a retém e subjuga o desejo de não perturbar o gozo ou a expectativa de proventos e benesses. Os republicos da casta de João Lisbôa, os Homens Livres da especie de um Eloy Alfaro, o heroe equatoriano celebrado pelo genio de Vargas Vila em um livro cruzado de vermelhos clarões de relampago, essas immorredoiras individualidades solares poderão um dia cair na peleja, vencidas pelo infortunio; póde mesmo acontecer que um dia as aniquile o desalento ao cabo de continuas e irreparaveis traições do destino; jamais, entretanto, acabarão renegando-se a si proprias e sacrificando a passageiros seducções e materialidades a belleza do sonho em que se abrazam e consomem.

Foi o *Brasileiro* o primeiro dos jornaes fundados por João Lisbôa; depois, como ficou accentua-

do, passou elle a dirigir o *Pharol*; depois, veio o *Echo do Norte*; depois, a *Chronica*; depois, o *Publicador Maranhense*. Pois bem, senhores; compulsemol-os, do inicial ao derradeiro, e havemos de maravilhar-nos em face da excellencia, da altivez e dignidade daquelle character, da superioridade de vistas daquelle pensador politico, da firmeza e intransigencia com que elle se dava ao patrocínio de todas as causas nobres, do destemor e pertinacia com que respondia ás investidas de qualquer adversario, fosse este embora o mais poderoso dos dominadores do dia.

O *Brasileiro* trazia com o titulo, a fazer de moto symbolico, estas palavras de Estevam de Jouy:

«Journalistes de tous les pays, élevez-vous au dessus des préjugés nationaux, dénoncez tous les crimes, nommez tous les coupables».

Essa epigraphe não constituiu fanfarronada ou simples sonoridade na gazeta do joven periodista maranhense; elle não a trasladou cedendo apenas á magia com que em regra nos enamora aos vinte annos o arrojo de certas expressões verbaes: elegendo-a, fazendo-a um dos *itens* do programma a que devia cingir-se, procedeu em perfeita consonancia com as suas convicções e com os naturaes estímulos da sua organização de batalhador. E a verdade é que toda a sua vida de jornalista foi uma incessante affirmação de civismo, bastante, só por si, a tornal-a memoravel e digna de se impor á mocidade com toda a soberana eloquencia de um luminoso paradigma.

E foi por tudo isso, meus senhores, e pelo mais que eu devêra e não conseguí exprimir-vos, que o povo do Maranhão erigiu ao immarcessivel escriptor este monumento que acaba de reluzir á luz dos céus da nossa terra, como testemunho de amor e gratidão para com a memoria de quem tanto a soube amar e engrandecer. Apenas porisso, bem o sentimos todos nós, porquanto de estatua não precisaria para chegar á mais afastada poste-

ridade aquelle que tem a estatua mais bella de todas na obra imperecedoura que deixou realizada. Assim foi Catão, que não teve monumento no Capitolio, mas por cuja estatua não deixavam de perguntar os estrangeiros que viam as outras estatuas erguidas no templo do monte Capitolino. E ainda bem que a levantamos. Porque, de hoje em diante, ninguem poderá com justiça chamar-nos de ingratos para com o maior dos prosadores e publicistas que ainda surgiram no Maranhão e porventura no Brasil.





A ESTÁTUA DE JOÃO LISBOA—ANTES DA INAUGURAÇÃO

## O SR. DOMINGOS BARBOZA :

### Meus patricios

Ha cincoenta e quatro anos que o Maranhão desejava e exigia, pelo coração e pela boca de todos os seus filhos, a obra de justiça premiadora a que se pôe remate agora aqui.

Serviu, entretanto, esse lento escoar de mais de meio século como que de cadinho apurador da gloria magnífica de João Lisboa, gloria excelsa, que, á semelhança das gemas raras, arrancadas do seio maternal da terra, após milénios de aperfeiçoamento, rebenta agora da alma maranhense, para rebri-lhar ao luaréu do sol, como a nossa maior, mais pura e mais serena gloria do passado.

Tinha-se a Academia Maranhense reservado, para esta hora magna, apenas o papel de reunir as suas mãos ás vossas mãos, para as mesmas palmas festivas; de juntar a sua voz á vossa voz, para as mesmas ovações triunfais; de genuflexar a sua alma ao lado da vossa, para a mesma homenagem contrita e comovida ante esta ara de civismo, em que se corporificam e se condensam todo o renome de uma terra, todo o orgulho de uma geração e toda a fama de um povo.

Entendeu, porém, o íntegro chefe do estado

que a ela, como guarda fiel, desinteressada e vigilante das nossas tradições mentais, é que cabia, completando o gesto, tão de nobreza e de benemerencia, do dr. Luiz Domingues, efectivar esta justíssima aspiração do povo maranhense.

E hoje, concluída que está a missão que o honrado coronel Antonio Bricio lhe confiou, a Academia Maranhense não reclama, nem quer alegria maior que a de ver, entre as mais extraordinarias demonstrações de jubilo popular, e com a união carinhosa do amor filial da veneranda senhora, que foi, na sua infancia, a depositária de uma imensa porção do affecto do patricio que hoje aqui glorificâmos—inaugurado pelas suas mãos este monumento, que é todo um eloquente e sagrado símbolo. Porque lembra, no granito que lhe fórma o pedestal, a rijeza da alma espartana do lutador. Porque recorda, no marmore branquissimo que o reveste, a casticidade do dizer do tribuno e do escritor. Porque fala, pelo bronze eterno em que se fundiu o vulto homerico do maranhense egregio, da eternidade da gloria limpidissima, que recebe, nesta hora, a definitiva e derradeira consagração do livre ar e da grande luz.

Volta, pois, satisfeita a Academia Maranhense para o meio de vós. E, reunindo então as suas mãos ás vossas, para as mesmas palmas festivas; juntando a sua voz á vossa, para as mesmas ovações triunfais; genuflexando a sua alma ao lado da vossa, para a mesma homenagem contrita e comovida, convosco clama, patricios e amigos meus:—Gloria, gloria, gloria eterna á memoria de João Lisbôa !



# AS DELEGAÇÕES

Fizeram-se representar, nas cerimónias da inauguração da estátua de João Lisboa :

Pelo presidente da Academia Maranhense, sr. prof. José Ribeiro do Amaral, o sr. barão Homem de Melo, que occupava, na Academia Brasileira de Letras, a cadeira João Lisboa; o dr. Pedro Lessa, ministro do Supremo Tribunal Federal e membro da Academia Brasileira; os Institutos Historicos e Geográficos do Pará, Ceará e Sergipe;

pelo 1.º secretário da Academia Maranhense, sr. Domingos Barboza,—os srs. dr. Urbano Santos, vice-presidente da República; deputado Coelho Neto, da Academia Brasileira; dr. Benedito de Barros e Vasconcelos, da Academia Maranhense; a Associação da Imprensa do Maranhão, da qual é o presidente; o Instituto Geografico do Espirito Santo; colonias maranhenses da Terezina, da Parnaíba e do Recife; municipios de Anajatuba, Santa Quiteria, Vitoria do Baixo-Mearim, Paço do Lumiar, Coroatá e Caxias, guarda nacional da Vitoria do Baixo-Mearim; dr. Agnelo Costa, juiz de direito, padre Assis Memoria, vigario, dr. Trajahu Moreira, promotor, coronel Mariano Chagas, colector estadual de Araiozes, e, por delegação do dr. José Joaquim Marques, o municipio de Penalva;

pelo 2.º secretário da Academia Maranhense, dr. Alfredo de Assis,—o municipio do Riachão e o

sr. Humberto de Campos, membro correspondente da Academia Maranhense;

pelo academico dr. Godofredo Viana,—o sr. deputado dr. Artur Moreira, o dr. A. Vieira da Silva, da Academia Maranhense, colonias maranhenses do Amazonas e da Baía, o Instituto Historico e Geográfico da Baía, e os municipios da Imperatriz, de Mórros e Mirador;

pelo academico sr. Fran Paxeco,—o Instituto Arqueologico e Geografico de Pernambuco e o dr. J. Costa Gomes, da Academia Maranhense;

pelo academico dr. I. Xavier de Carvalho,—o dr. Lauro Sodré, governador do estado do Pará, o municipio de Chapadinha, e, por delegação do dr. Carlos Reis, a colonia maranhense no Pará;

pelo academico dr. Justo Jansen,—o senador dr. Fernando Mendes de Almeida e o dr. J. F. da Rocha Pombo, membro correspondente da Academia Maranhense;

pelo academico sr. prof. José Augusto Corrêa,—o municipio do Curralinho;

pelo academico sr. Corrêa de Araujo,—o municipio de Pedreiras;

pelo academico dr. Almeida Nunes,—o sr. deputado dr. Luiz Domingues;

pelo dr. Clodomir Cardoso,—o deputado sr. Dunshee de Abranches e a Faculdade de Direito do Pará;

pelo dr. Herculano Parga,—os municipios de S. Luiz Gonzaga, S. Bernardo, Cajapió, Nova-York, Pastos Bons e S. João dos Patos;

pelo coronel Inacio Parga,—os municipios do Barão de Grajahú, Passagem Franca e Ararí;

pelo dr. Raul Machado, o sr. deputado Cunha Machado e os municipios de Araisos e Barreirinhas;

pelos drs. Fabiano Vieira da Silva e dr. José Gomes Murta,—o sr. senador dr. José Euzebio de Carvalho e Oliveira;

pelo coronel Carneiro de Freitas,—os municí-

pios de S. Bento e Barra do Corda, e, por delegação do dr. Carlos Reis, a colonia maranhense do Pará;

pelo dr. Antonio Lopes,—a Associação da Imprensa do Maranhão, o sr. Raimundo Lopes, da Academia Maranhense, e, por delegação dêste, o municipio de Viana;

pelo dr. José Barreto, o sr. senador dr. Costa Rodrigues e o municipio de Picos;

pelo sr. deputado dr. Agripino Azevedo, por delegação do dr. Joaquim P. Franco de Sá,—a colonia maranhense de Pernanbuco e o municipio do Pinheiro;

pelo dr. Demóstenes Macêdo,—a camara municipal da Vitoria do Baixo-Mearim;

pelo dr. Nogueira Coelho,—o municipio de Itapecurú-mirim;

pelo dr. Gabriel Rebelo,—o municipio do Guimarães;

pelo coronel Jeronimo Bacelar, por delegação do dr. Jonas Rodrigues,—o municipio do Brejo.

pelo sr. Raimundo Vaz,—o municipio do Codó;

pelo coronel Virgilio Domingues,—o municipio do Turiassú e a Sociedade Maranhense de Agricultura;

pelo dr. Antonio Bona,—os municipios de Monção e Sta. Helena, e o dr. Viriato Corrêa, da *Rua*, do Rio;

pelo coronel Sebastião Carvalho,—o municipio da Vargem Grande;

pelo dr. Alarico Pacheco, por delegação do dr. José Joaquim Marques, o municipio da Tutóia;

pelo dr. A. Corrêa Lima, por delegação do desembargador Odilo Costa,—o municipio de S. Francisco;

pelo dr. Paulo Carvalho,—o municipio de S. Vicente Ferrer;

pelo dr. Araujo Cesta,—os intellectuais do Piauí;

pelo dr. M. Rodrigues Machado,—os municipios de Flôres e Rosario;

pelo sr. Agostinho Reis,—o município de Alcantara e a Associação da Imprensa do Maranhão;  
pelo coronel Nuno Pinho, o município de S. José de Ribamar;

pelo dr. Leoncio Rodrigues,—os municípios de Miritiba, Carutapéra e Sto. Antonio de Balsas;

pelo sr. Porciuncula de Moraes,—o município do Axixá;

pelos srs. coronel José Pedro Ribeiro, Antonio de Castro Balga, Raimundo Pacifico da Silva Campos, José Mariano Travassos, José Francisco Jorge, monsenhor Vicente Ferreira Galvão, Leandro Tupinambá dos Reis e Antonio Chaves,—a colonia maranhense de Pernambuco;

pelos srs. coronel Hermenegildo Jansen Ferreira, Washington da Costa Lobo e Joaquim Franklin da Costa,—o município de Caxias;

pelos srs. dr. Franklin Ribeiro Viegas, farmaceutico João Marcelino da Silveira Teixeira, coronel Fabricio Caldas de Oliveira e coronel José Fernandes dos Santos,—o município de Cururupú;

pelos srs. prof. Nascimento Moraes, dr. Alcides Pereira, prof. Adelman Corrêa e Domingos Perdigão, a Associação da Imprensa do Maranhão;

pelo dr. Georgiano Gonçalves, por delegação do farmaceutico Roberto Gonçalves,—o município do Icatú;

pelo sr. José Vinhaes,—a União Estudantal Silvío Romero;

pelos srs. desembargador Tasso Coelho, Artur Paraiso, Alfredo José Tavares, Joaquim Alves, junior, e Joaquim Neto Passos,—a Santa Casa da Misericórdia do Maranhão;

pelos srs. farmaceutico João Vital de Matos e Pedro Pestana Mendes,—o município de Viana;

pelos srs. Ribamar Pereira, Ribamar Pinheiro, Acir Marques e Flavio de Berredo,—o Gremio Coelho Neto;

pelo dr. Raul Pereira, a colonia maranhense da Parahiba do Norte;

pelos srs. José Francisco Jorge, Albino Domingues Moreira, Francisco Coelho de Aguiar e Joaquim Lopes da Silva Guimarães,—a Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro (Hospital Portuguez do Maranhão);

pelo capitão Nilo Ludgero Pizon,—o Centro Artístico-Operario e Eleitoral Maranhense.

A Academia Maranhense, em homenagem á memoria do seu falecido socio fundador Antonio Lobo, resolveu que se transcrevesse na íntegra, nesta publicação, o telegrama seguinte, recebido de —Belo-Horizonte, em 31 de dezembro de 1917:

«Academia Maranhense—S. Luiz.

Penhorada pelo convite, a Academia Mineira será representada por Antonio Lobo, na inauguração da estatua de João Lisboa.—Saudações.—*Carlos Góes*, secretário».





A ESTÁTUA DE JOÃO LISBOA—Da direita para a esquerda : — Dr. I. Xavier de Carvalho, cel. A. Bricio de Araújo, dr. Godofredo Viana, Domingos Barboza, Fran Paxeco.

## AUTO DA INAUGURAÇÃO

No dia um de janeiro de mil novecentos e dezoito, nesta cidade de S. Luiz, capital do estado brasileiro do Maranhão, achando-se presentes os exmos. srs. coronel Antonio Bricio de Araujo, governador do estado, dr. Clodomir Cardoso, intendente do município, a exma. sra. d. Maria Lisboa Airlie, filha de João Lisboa, os academicos José Ribeiro do Amaral, dr. Antonio Baptista Barboza de Godois, dr. Justo Jansen Ferreira, Manoel Fran Paxeco, dr. Godofredo Mendes Viana, dr. Inacio Xavier de Carvalho, Domingos Quadros Barboza Alvares, Alfredo de Assis Castro, dr. José de Almeida Nunes, D. Francisco de Paula e Silva, bispo diocesano, desembargador Lourenço Valente de Figueiredo, presidente do Superior Tribunal de Justiça, os cónsules de Portugal, da Gran-Bretanha, da França, da Itália, da Noruega, da Suécia, da Espanha, do Paraguai, deputados federais e estaduais, representantes da meza do congresso estadual, o capitão do porto, o inspector da alfandega, monsenhor Vicente Ferreira Galvão, o administrador dos correios, o presidente da camara municipal, delegações do 48 batalhão de caçadores, e da Escola de Aprendizes Marinheiros, o comandante do Corpo Militar do Estado, representantes de numerosas entidades e corporações, tanto deste estado como doutros pontos do Brazil, proce-

deu-se á cerimonia da inauguração da estátua de João Francisco Lisboa, obra do escultor francêz Jean Magrou. Descerrada, subiu a tribuna o sr. professor José Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Marenhense, que lêu um discurso, entregando a estátua, em nome do govêrno, á guarda do intendente do município. Fala, depois, o dr. Clodomir Cardozo, intendente do município, que agradece a entrega. Segue-se-lhe o academico Manoel Fran Paxeco, que se associou á homenagem, pela Academia das Ciências de Portugal. Apôs, faz-se ouvir o academico Alfredo de Assis Castro, encerrando a série das saudações o académico Domingos Quadros Barboza Alvares. Acto contínuo, cêrca de quarenta crianças, dirigidas pela sra. d. Herminidia Soares, professora da Escola Modêlo Benedito Leite, entoaram um hino a João Lisboa, letra do académico Alfredo de Assis Castro e muzica do sr. Adelman Brazil Corrêa. O presidente da Academia Maranhense oferece, então, ao exmo. sr. governador do estado a medalha que a mesma Academia mandou gravar, em lembrança daquela data, confiando a que se destinava ao dr. Luiz Antonio Domingues da Silva ao seu representante, o académico José de Almeida Nunes. Em firmeza do que, e para constar, lavrei o presente auto, que vai por mim, Alfredo de Assis Castro, segundo secretário da Academia Maranhense, subscrito e pelas pessoas que assistiram á ceremônia.

S. Luiz do Maranhão, 1 de janeiro de 1918.

Antonio Bricio de Araujo

Clodomir Cardoso

Maria Lisboa Airlie

José Ribeiro do Amaral

Antonio Baptista Barboza de Godois

Justo Jansen Ferreira

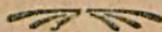
Manoel Fran Paxeco

Godofredo Mendes Viana

Ignacio Xavier de Carvalho

Domingos Quadros Barboza Alvares

José de Almeida Nunes  
D. Francisco de Paula e Silva  
Lourenço Valente de Figueiredo  
Cecil A. Scarth  
Eduardo Saulnier de Pierrelevée  
Paulo Tosi  
José Pedro Ribeiro  
Emilio José Lisboa  
Antonio Rodrigues Martins  
Alberto Marques Pinheiro  
Luiz Carvalho  
José Barreto Costa Rodrigues  
José Carneiro de Freitas  
Euclides Marinho Aranha  
Monsenhor Vicente Ferreira Galvão  
Artur de Oliveira Almeida  
Carlos Augusto de Araujo Costa  
Antonio Damasio  
José Luzo Torres  
Oldemar Pinto  
Artur do Rego Lima Meireles  
Manoel Joaquim de Albuquerque.



# JOÃO FRANCISCO LISBOA

(Do ESTADO DE S. PAULO, II-III-918)

O estado do Maranhão acaba de saldar a sua dívida de gratidão para com um dos filhos dessa terra que mais a têm ilustrado. A cidade de S. Luiz mereceu noutros tempos, não mui remotos, a denominação de Atenas Brasileira, e não é ela imerecida, se atendermos a que foi o berço do mais ilustre dos nossos poetas e do mais ilustre dos nossos prosadores,—de Gonçalves Dias e de João Francisco Lisboa.

O primeiro já tinha o seu monumento; acaba de te-lo o segundo, sob a fôrma de uma esttua, obra do escultor francez Magrou. Encarregada de organizar a cerimonia, a Academia Maranhense publicou um volume comemorativo do escritor, no qual se reuniram excelentes contribuições, a esse respeito, de Antonio Henriques Leal, Sotero dos Reis, Teófilo Braga, José Verissimo e Pedro Lessa.

João Francisco Lisboa foi um modelo de prosador, sem haver sido intencionalmente um purista, o que torna o seu estilo por vezes agressivo ou pelo menos irritante. Aprendeu, porém, a escrever com os classicos, que não andavam ausentes daquela sociedade intelectual, pois que conviviam intimamente com o mestre Sotero dos Reis. A escola foi por certo melhor que a dos jornais da

actualidade, que hoje cursam, com desolador exclusivismo, muito aspirantes a publicista. Quando João Francisco Lisboa se revelou tal, na «Chronica Maranhense», e depois no «Jornal de Timon», fê-lo com uma autoridade de pensador e de artista por fôrma capaz ainda de surpreender os que se lembrarem de que lhe faltavam estudos regulares. Não obteve portanto gráus academicos, devendo a si proprio tão sómente a sua illustração e o seu aticismo.

O Brazil de ontem contou mais de um João Francisco Lisboa, no sentido dêsses eruditos, e de uns tantos primorosos jornalistas de provincia, que não lograram desbancar os que hoje em dia almejam um e outro qualificativo, embora sem sciencia e sem estilo. Não sei se o amor ao estudo era então maior, ou se o meio favorecia mais a mencionada instrução voluntaria. O facto é que têm desaparecido da vida dos estados os representantes daquela especie de estudiosos, gente de «croisé», cartola e calças brancas, que dantes constituíam, em muitos casos, pela competencia, pela compostura, pela sinceridade dos seus propositos e pelo fervor dos seus ideais, um dos titulos de honra das provincias e um argumento moral em pról da descentralisação. Esta teve, todavia, pelo que se vê, o resultado oposto.

Nenhum contudo se póde comparar com o maranhense eminente, que teve por objectivo capital, indicado com felicidade pelo dr. Pedro Lessa, harmonizar a politica com a moral—um consórcio, que, quando chega a ser celebrado, dá as mais das vezes prontamente em divórcio. As illusões eram então grandes, e grande a generosidade dos ideais. João Francisco Lisboa deu a prova individual dêsse estado de alma colectivo, quer dizer do escol dos seus contemporaneos brasileiros; mas, ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos desiludidos, aliou sempre á sua elevação de espirito um senso caustico das realida-

des que o tornou um excelente crítico de costumes e de caracteres, com fóros de panfletario. Timon não foi para êle um nome vão: do ateniense teve a graça mordaz e o desprêzo de quanto o merece. De quanto e de quantos.

E' claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literarios. «On devient cuisinier, mais on nait rôtitisseur». Lisboa não se contentou, entretanto, com ser um cozinheiro trivial: foi exímio na arte, o que só se adquire com a prática e o cuidado. Ora êle foi essencialmente um estudioso. Quando faleceu, em Lisboa, ocupava-se em estudar, nos arquivos portuguezes, o passado nacional, no qual soube enxergar mais do que uma serie de succêssos militares ou um ról de capitães-generais e vice-reis, descobrindo e aprofundando os aspéctos sociais e economicos. Fê-lo antes que a sciencia estrangeira nos indicasse essa orientação, mesmo porque, nas influencias que pesaram sobre o seu espirito, como nas preocupações a que obedecia o seu espirito, João Francisco Lisboa sempre foi rigorosamente nacional.

A sua obra de historiador confunde-se com a de moralista politico, que êle sobretudo foi, na definição bem achada por José Verissimo; mas o moralista não desmanchou, com as suas divagações, a necessaria pureza das linhas historicas. Os seus melhores ensaios neste campo foram o otimo trabalho sobre a conspiração do Bequimão e a biografia incompleta, por havê-lo surpreendido a morte, do padre Antonio Vieira. Incompleta, muito embora, é excelente. O assunto tem aliás tentado varios escritores de nota, que desanimaram a meio do caminho, sentindo-se perdidos no labirinto de argucias e subtilezas do famoso jesuita. Neste momento, a êle se consagra um historiador de grandes dotes, espirito parecido com o de João Francisco Lisboa, na severidade do metodo, na sobriedade do estilo, na imparcialidade dos juizos. Refiro-me ao sr. J. Lucio de Azevedo.

O prestígio de João Francisco Lisboa não só se derivou, contudo, do seu talento: também e não pouco se derivou do seu character. Toda a vida se impôz pela seriedade do proceder e pela compostura da acção. Era digno de ser imitado, o que não acontece com outros, que, no entanto, se dão como modelos a ser copiados. Além da honestidade sem jaça, possuía outra virtude, então como presentemente, rara—a tolerancia, que sabia estender aos adversarios, uma tolerancia espontanea da sua alma, que todavia não era a de um otimista, e que fôra fortificada pelo saber adquirido pelo proprio esforço e pelo respeito devido ás opiniões alheias, quando de boa fé e honradas.

Deveria ter vivido noutro meio mais largo do que um meio de provincia, já porque, como escritor, foi ao âmago das questões que submeteu ao seu exame espiritual, já porque, como homem, pairou sempre acima das intrigas, grandes ou pequenas. Vivendo longe dos meios mais adiantados, não se tornou excêntrico, nem sequer pedante. Foi um precursor da moderna escola scientifica da historia, sem verbosidades ócas, sem chinezices ridiculas e sem gongorismos filosoficos. Em tudo, foi a clareza, e quanto não deviam ter tentado tollá-la ! Vingou-se como se vingam os homens de espirito: pondo de parte a sua personalidade e retratando, nas suas paginas de moral politica, imbuidas de pitoresco, o que era a sociedade em que se movia. Fica-se sabendo, em paginas de uma litteratura incisiva, e contudo despida de pretensão, porque devia faltar ali o ar a uma mentalidade como a sua. Se esta e outras tantas de menor envergadura se refugiaram alhures, onde respirassem mais á vontade, é porque a concorrência mais feroz apparecia naquella estreiteza, mais vivo e acendrado o ciúme, mais acesos os preconceitos, mais hostil a opinião, mais irritante a indiferença, mais vulgar a luta.

Eu não sei o que diria João Francisco Lis-

boa dos costumes políticos da actualidade no Brazil, êle, que tanto desadorava e tanto satirisou os do seu tempo. Presumo que não diria grande bem, e nesta suposição lamento que a nossa época não possua um moralista e historiador como êle, para ficarem fixados, em traços immortais, como os de Suetonio, as traços dos nossos Cesares, sobretudo alguns de provincia. Emprégo talvez mal, com êles, a denominação de Cesares, mas, enfim, não ficam com isso maiores. Não nos faltam decerto talentos, para se abalançarem á empresa: o que falta muito, e sobrava em João Francisco Lisboa, é independencia de character, para lhes emprestar autoridade.

Parnamirim, Fevereiro de 1918.

**Oliveira Lima.**



# UMA CARTA

O sr. professor J. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Maranhense, recebeu esta carta:

«Muito me penhorou a amável carta, que v. s. teve a bondade de escrever-me, a 10 dêste mêz, quando tambem me enviou o retrato e um manuscrito de João Francisco Lisboa e o livro comemorativo da inauguração da estátua do grande brasileiro.

O que, no meio de tudo, me causou estranheza e profundo pesar, foi a pouca ou nenhuma atenção que a imprensa desta capital deu a tão justa homenagem. Poucos jornais consagraram ao facto o espaço que êle merecia. Qualquer dessas vulgares manifestações de apreço a nulidades intellectuais, com grande nfluência politica, teria com certesa muito mais repercussão.

Desculpe v. s. estas caturrices, que talvez sejam resultado da muita leitura das obras de Lisboa, quando eu era menino. E queira aceitar os sentimentos de muito apreço e estima do patrício e amigo

**Pedro Lessa.**

Rio, 31 de janeiro de 1918.

# A PRAÇA E A ESTÁTUA

RESOLUÇÃO N.º 14 :

A câmara municipal da capital, reunida em sessão extraordinária, para comemorar a data de hoje, duas vezes memorável para o estado :

Considerando os serviços dos ilustres maranhenses Manoel Odorico Mendes e João Francisco Lisboa, glórias altíssimas do nosso estado e honras imarcessíveis da intellectualidade e da política do Brazil ;

Considerando que um dos melhores meios de generalizar e propagar a educação cívica é perpetuar os nomes dos grandes homens em inscrições da máxima publicidade :

Rezolve dar á praça nova, que fica entre a rua das Hortas e a rua dos Remédios, a denominação de *praça Odorico Mendes*, e ao antigo largo do Carmo, onde rezidiu por longos anos o autor da *Vida do padre António Vieira*, o nome de *praça João Lisboa*.

Sala das sessões da câmara municipal da capital do Maranhão, 28 de julho de 1901.—*Manoel Inácio Dias Vieira*, presidente, *Alfredo Franklin Cabral*, *Antonio Joaquim de Barros Lima*, *Francisco J. Guilhon de Oliveira*, *Firmino Saraiva*.

Lei n. 582, de 24 de abril de 1911.

(Autoriza o govérno a abrir os credits necessários para o levantamento, nesta cidade, de uma estátua a João Lisboa)

O dr. Luiz Antonio Domingues da Silva, governador do estado do Maranhão, faz saber a

todos os seus habitantes que o congresso decretou e êie sancionou a lei seguinte :

Art. unico. Fica o govêrno autorizado a abrir os credits necessários para o levantamento de uma estátua, nesta cidade, a João F. Lisboa, a qual deverá ser inaugurada no dia do centenário do nascimento do maior prozador nacional.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução da presente lei pertencerem, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O director da secretaria do govêrno a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do govêrno do estado do Maranhão,  
em 24 de abril de 1911, 23. da República.

*Luiz A. Domingues da Silva.*



## INDICE

Preliminar . . . . .	3
A inauguração . . . . .	5
Os discursos:	
Do prof. J. R. do Amaral . . . . .	11
Do dr. Clodomir Cardoso . . . . .	21
Do sr. Fran Paxêco . . . . .	51
Do dr. Alfredo de Assis . . . . .	55
Do sr. Domingos Barboza , . . . . .	65
As delegações . . . . .	67
Auto da inauguração . . . . .	73
João Francisco Lisboa . . . . . : . . . . .	76
Uma carta . . . . .	81
A praça e a estátua . . . . .	82